

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

NATALIA MUNIZ MARCHEZI

**A MANIPULAÇÃO DO TÓPICO DISCURSIVO COMO
ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DE FACE**

**VITÓRIA
2014**

NATALIA MUNIZ MARCHEZI

**A MANIPULAÇÃO DO TÓPICO DISCURSIVO COMO
ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DE FACE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de mestre – Mestrado em Estudos Linguísticos. Área de concentração: Texto e Discurso.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria da Penha Pereira Lins

Vitória
2014

NATALIA MUNIZ MARCHEZI

A MANIPULAÇÃO DO TÓPICO DISCURSIVO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DE FACE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de mestre – Mestrado em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2014.

Comissão Examinadora.

Profª Drª Maria da Penha Pereira Lins - UFES
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão
Examinadora

Profª Drª Monica Magalhães Cavalcante - UFC
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

Prof Dr Rivaldo Capistrano Júnior – UFES
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

À minha família e aos meus amigos.

“A polidez é a primeira virtude, e talvez a origem de todas elas. [...] A polidez zomba da moral. A moral é como uma polidez da alma, uma atitude cortês para consigo mesmo. A polidez é anterior à moral, imposta à criança por uma exigência externa. Virtude de pura forma, arte dos signos, ela é um simulacro de virtude, uma qualidade formal, algo pequeno, mas que permite grandes coisas.”

André Comte-Sponville

AGRADECIMENTOS

À orientadora, professora doutora Maria da Penha Pereira Lins, pelo conhecimento compartilhado nesta jornada de pesquisa, pelo incentivo, apoio e conselhos nas minhas decisões acadêmicas e, acima de tudo, pela belíssima amizade.

À minha família por acreditar tanto em mim. Principalmente minha mãe, Rosalina, a quem devo tudo o que sou hoje.

Aos professores do PPGEL - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos que direta e indiretamente me ajudaram e sempre estiveram dispostos a me ouvir. Em especial os professores Rivaldo Capistrano Junior e Aurélia Lyrio pelas valiosas sugestões no momento de qualificação.

E à CAPES, cujo apoio financeiro foi fundamental para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Como em toda interação há o desejo de construir perante os outros uma imagem favorável de si próprio (Goffman, 1967), as entrevistas constituem-se em um espaço de confronto, já que é impossível controlar a imagem que um participante faz do outro. Sendo assim, neste trabalho, faz-se uma análise discursivo-pragmática de entrevistas impressas, tendo como base a noção de face, elaborada por Goffman (1967); a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987) e a noção de tópico discursivo como princípio de organização textual-discursiva, Koch (1992), Jubran (1992) e Lins (2008). Deste modo, focaliza-se o contexto de interação verbal em entrevistas a figuras do cenário político estadual/nacional realizadas pelo Jornal A Gazeta, publicadas nos anos de 2004, 2006 e 2008. Nas entrevistas, observa-se como acontecem os atos de ameaça às faces positiva e negativa na relação entrevistador-entrevistado, bem como quais estratégias de polidez eles utilizam para salvar e preservar as suas faces a partir do gerenciamento do tópico discursivo, tendo em vista que os atos de ameaça às faces positiva e negativa podem ser minimizados a partir de estratégias de manipulação do tópico. As principais questões que norteiam este estudo são: a necessidade de construção de face positiva é situação *sine qua non* para convivência social? É característico no gênero *Entrevista* a manipulação do tópico como estratégia de preservação de face? Quais estratégias de manipulação de tópico discursivo caracterizam a preservação de face? Dessa forma, esta pesquisa se põe relevante no interior das pesquisas sobre linguagem, uma vez que nela são tecidas reflexões sobre questões muito discutidas pela academia ultimamente, porém de forma separada: manipulação do tópico discursivo, no âmbito da Linguística Textual, e preservação de face, no âmbito da Pragmática.

Palavras chave: Estratégias de Polidez; Construção de face; Tópico Discursivo; Entrevistas impressas.

ABSTRACT

Once in every interaction there is the desire to build a favorable image of themselves towards other (Goffman, 1967), interviews can be seen as spaces of confrontations, since it is impossible to control the image that one builds of the other. Therefore, in this paper, we make a discursive-pragmatic analysis of printed interviews, based on the concept of face, elaborated by Goffman (1967); the theory of politeness by Brown and Levinson (1987) and the notion of discourse topic as a principle of textual-discursive organization, Koch (1992), Jubran (1992) and Lins (2008). Thus, it is focused the context of the verbal interaction in interviews carried out by the newspaper *A Gazeta* (published in 2004, 2006 and 2008) with personalities from the local or national political scenario. In the interviews, it is seen how threatening acts to the positive and negative faces happen in the relationship between interviewer-interviewee and which politeness strategies they use to save and preserve their own face focusing on the management of the discourse topic, considering that the face threatening acts can be minimized using strategies of manipulation strategies. The main questions that conducted this study are: Is the need of building positive face a sine qua non condition for social harmony? Is the manipulation of the topic as a strategy to preserve the face a characteristic of the genre Interview? In this way, this research becomes relevant for language studies once reflects issues in vogue and much discussed by the academy lately, however separately: manipulation of the discourse topic in the context of Textual Linguistics, and face preservation within the Pragmatics.

Keywords: Politeness Strategies; Face construction, Discursive Topic ; Printed Interviews.

Manipulação do Tópico Discursivo: estratégia de preservação de face em entrevistas impressas

LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE QUADROS	12
INTRODUÇÃO.....	13
1. O TÓPICO DISCURSIVO E A ORGANIZAÇÃO DA INTERAÇÃO...17	
1.1 A interação.....	17
1.2 O tópico discursivo.....	19
1.2.1 A noção de tópico discursivo.....	19
1.2.2 Continuidade e descontinuidade na conversação.....	23
1.2.3 Mudança de tópico.....	25
1.2.4 Delimitação tópica.....	25
2. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM SOCIAL.....28	
2.1 A noção de face.....	28
2.2 Contribuições ao estudo da face.....	30
2.3 Preservação e ameaça à face	32
3. TEORIA DA POLIDEZ LINGÜÍSTICA: MODELOS TRADICIONAIS.34	
3.1 Lakoff : polidez como regra pragmática.....	35
3.2 Leech: polidez como princípio conversacional.....	36
3.3 Brown e Levinson: polidez como trabalho de face.....	37
3.3.1 Estratégias de polidez.....	38
3.3.1.1 Estratégias <i>On-record</i>	40
3.3.1.1.1 Polidez positiva.....	40
3.3.1.1.2 Polidez negativa.....	42
3.3.1.2 Estratégias <i>Off-record</i>	44
4. TEORIA DA POLIDEZ LINGÜÍSTICA: MODELOS CONTEMPORÂNEOS47	
4.1 O modelo de Rosa (1992) e Galembeck (1999; 2008).....	47
4.2 Os estudos de Watts (2003), Locher (2004), Locher & Watts (2005), Spencer-Oatey (2005) e Escandell Vidal (1998).....	51
4.3 Terkourafi (2005)	52
5. O GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA.....54	
6. METODOLOGIA.....57	
6.1 Definição do <i>corpus</i>	58
7. MANIPULAÇÃO DO TÓPICO DISCURSIVO: ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DE FACE EM ENTREVISTAS IMPRESSAS.....60	
7.1 A digressão como estratégia de preservação de face.....	60
7.2 A mudança de tópico como estratégia de preservação de face...65	
7.3 A fuga ao tópico como estratégia de preservação de face.....	69
7.4 A manutenção do tópico como estratégia de preservação de face.....	75

CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

O surgimento da Pragmática trouxe grandes colaborações para a Linguística, visto que suas teorias foram fundamentais para explicar muitos fenômenos que outros ramos da Linguística até então não conseguiam explicar. No âmbito dos estudos linguísticos, o contexto era pouco explorado, a língua era, na mais das vezes, observada não como objeto de interação, mas como um conjunto de estruturas individualizadas. Com a Pragmática, os enunciados são estudados a partir da relação entre contexto e falante, há uma preocupação em compreender o que é dito e o que é implicado. Dessa forma, para a interpretação de alguma elocução, o contexto adquire suma importância.

Para estudar os fenômenos linguísticos do ponto de vista pragmático, é necessário observar como o falante articula a sua linguagem, haja vista que uma mesma frase pode apresentar sentidos completamente diferentes de acordo com a mudança de contexto, pois são os falantes que comunicam e não apenas as mensagens por si só. Desse modo, pode-se afirmar que a Pragmática estuda a língua do ponto de vista do falante e do ouvinte, ou melhor, a língua viva, a língua em uso.

Contribuindo para os estudos na perspectiva pragmática, surgiram diversas teorias como a Teoria dos Atos de Fala, a Teoria da Relevância, a Teoria das Máximas Conversacionais e a Teoria da Polidez.

Os estudos pragmáticos consideram a língua em seu uso real. Logo, é um campo de estudo altamente dinâmico, visto que a língua se faz no uso e está em constante mudança e evolução. O desenvolvimento da pragmática aplicada aos estudos da língua trouxe contribuições significativas aos estudos linguísticos. Considerar a língua do ponto de vista do falante é analisar, de fato, como a língua se faz e se constrói na interação entre os participantes de um ato comunicativo.

É indiscutível que através dos estudos do ponto de vista pragmático houve uma evolução significativa no modo de se analisar a língua. Se antes de Saussure a linguística nem ao menos era considerada ciência, depois dos estudos desse autor além de se fazer um estudo científico, fronteiras foram quebradas, e a língua, que inicialmente era vista apenas como um conjunto

de regras, hoje representa um conjunto riquíssimo de práticas sociais e cognitivas.

É válido observar que os estudos linguísticos avançaram de forma notória desde o século XX, com o estruturalismo. Porém, esses avanços em nada diminuíram o importante legado deixado por Ferdinand Saussure. Rupturas foram feitas, novos paradigmas foram criados, mas Saussure sempre terá um merecido destaque na história da ciência linguística.

As contribuições da perspectiva funcionalista da linguagem, que concebe a língua como instrumento de interação, abriram uma gama de possibilidades de estudos dentro da linguística, pois, se a língua se faz no uso e na interação com os participantes de um ato comunicativo, ela se constitui como um objeto de estudo que se renova e se faz a cada dia na atividade interacional.

É a partir dessa perspectiva, da língua como instrumento de interação, que se desenvolve esta pesquisa, organizada em 7 capítulos. Inicialmente, no primeiro capítulo, faz-se uma discussão acerca da categoria tópico discursivo e a organização da interação, momento em que se faz uma reflexão sobre as características do tópico discursivo, tendo como referencial teórico os estudos de Koch (1992), Jubran (1992) e Lins (2008).

O segundo capítulo dedica-se ao estudo da construção da imagem social. É nesse capítulo que se apresenta a noção de face, elaborada por Goffman (1967), sobre as contribuições de Brown e Levinson ao estudo de face, bem como às estratégias de preservação e ameaça à face.

No terceiro capítulo apresenta-se uma revisão bibliográfica acerca da Teoria da Polidez Linguística, discutindo os principais aspectos do modelo de Lakoff (1975), Leech (1983) e Brown e Levinson (1987) e, ainda, como esse modelo se alia à teoria da face através das estratégias de polidez.

No quarto capítulo, o foco é o estudo contemporâneo da Teoria da Polidez. Logo, outros modelos são apresentados, já que eles trazem contribuições valiosas aos estudos de Brown e Levinson (1987). Dentre eles, destacam-se as publicações de Rosa (1992), Galembeck (1999;2008), Watts (2003), Locher (2004), Locher e Watts (2005), Spencer-Oatey (2005), Escandell Vidal (1998), Kerbrat-Orecchini (2005) e Terkourafi (2005). Cada estudo possui a sua particularidade, alguns concordam com Brown e

Levinson, mas acrescentam suas reflexões, outros criticam duramente o modelo apresentado por Brown e Levinson, justificando que o mesmo não considera aspectos contextuais/culturais.

No capítulo seguinte, discutem-se algumas peculiaridades do gênero entrevista, com base nos estudos de Marcuschi (2006, 2007, 2008) e de Medina (2004), a fim de ampliar o conhecimento acerca do gênero privilegiado nessa pesquisa.

No sexto capítulo, delineiam-se os objetivos e as hipóteses de nossa pesquisa. Apresentam-se, ainda, os procedimentos metodológicos adotados para a definição, coleta e análise do *corpus*.

No sétimo e último capítulo, a partir de todo o estudo teórico apresentado nos capítulos anteriores, mostra-se uma análise do *corpus* que compõe esta pesquisa, ou seja, verifica-se e discute-se a manipulação do tópico discursivo com a finalidade de preservação de face em entrevistas a figuras políticas do cenário nacional/estadual publicadas pelo Jornal A Gazeta.

A pesquisa, como já mencionado, insere-se na área da Linguística, sendo norteadada pela Linguística Textual e pela Pragmática. Nas entrevistas, observa-se como os interactantes utilizam a manipulação do tópico discursivo para preservar sua imagem social.

A escolha do tema justifica-se pela percepção, a partir dos estudos em Iniciação Científica realizados nos anos de 2009 e 2010, da manipulação do tópico discursivo como um recurso muito utilizado pelos entrevistados políticos das entrevistas analisadas. Além disso, existe uma preocupação de preservar a imagem social, que sempre acompanha os indivíduos em diferentes situações comunicativas, o que não é diferente com as entrevistas.

Desse modo, pode-se atribuir a relevância dessa pesquisa à necessidade de conhecer melhor e tornar objeto de estudo a interação social no contexto de entrevistas, além de conhecer como os políticos utilizam estratégias de polidez em suas interações públicas, focalizando a manipulação do tópico discursivo.

Algumas questões motivam essa pesquisa: a necessidade de construção de face positiva é situação *sine qua non* para convivência social?; é característico, no gênero *Entrevista*, a manipulação do tópico como

estratégia de preservação de face?; quais estratégias de manipulação de tópico discursivo caracterizam a preservação de face?; quais estratégias de manipulação de tópico discursivo são mais recorrentes?

Dessa forma, alguns objetivos centrais neste estudo são: analisar entrevistas publicadas na mídia impressa com vistas a verificar a manipulação do tópico discursivo como estratégia de preservação de face; verificar se a manipulação do tópico discursivo ocorre como estratégia de preservação de face; proporcionar uma maneira mais crítica de ler entrevistas jornalísticas e de entender o comportamento linguístico dos interactantes.

É importante considerar que esta análise, realizada a partir de perspectivas da Linguística Textual em diálogo com perspectivas da Pragmática tem a vantagem de relacionar aspectos da organização textual com o comportamento discursivo dos participantes de interações face a face em ocorrências institucionais, como o caso da entrevista.

1. O t3pico discursivo e a organiza33o da intera33o

De acordo com Galembeck (2011), o t3pico ou assunto constitui um elemento essencial em qualquer forma de intera33o, seja ela falada ou escrita. As pessoas falam ou escrevem por terem algo a dizer, seja qual for o motivo da explica33o. Dessa forma, o t3pico ("aquilo de que se est3 falando") constitui o elemento que desencadeia e mant3m a intera33o entre os interlocutores (no texto falado) ou entre o autor e o leitor (no texto escrito).

Cabe acrescentar que os discursos falado e escrito apresentam diferen3as no que diz respeito 3 organiza33o de desenvolvimentos t3picos. A conversa33o desenvolve a din3mica t3pica interativa (ou seja, com monitoramento local), ao passo que o texto escrito segue um processo enunciativo mais calculado, pois as suposi33es e interfer3ncias possibilitam um planejamento de maior abrang3ncia. Essa diferen3a decorre das diferentes condi33es de produ33o de ambas as modalidades de exterioriza33o linguística: a oralidade ocorre em tempo real, ao passo que na escrita existe uma defasagem temporal entre a produ33o e a recep33o.

As entrevistas analisadas no presente trabalho enquadram-se nessas duas modalidades, visto que se constituem como entrevistas realizadas face-a-face que, posteriormente, foram transcritas e publicadas na m3dia impressa. Na impossibilidade de acesso 3s entrevistas em sua modalidade falada, as an3lises foram realizadas tendo como base as entrevistas impressas. Dessa forma, o t3pico 3 observado a partir do jogo interacional de perguntas e respostas, molde b3sico de organiza33o de entrevistas.

1.1 A intera33o

O estudo cient3fico da intera33o humana denomina-se Sociologia. E, para essa ci3ncia, a intera33o humana " 3 o processo que ocorre sempre que os seres humanos respondem 3s a33es de outros seres humanos". (DRESSLER; WILLIS, 1980, p. 9) Duas pessoas conversando, por exemplo, j3 constitui uma intera33o.

Apesar de o presente trabalho ter como foco a interação face a face, é válido salientar que a interação humana não se limita somente a este tipo. Ao ler um livro, os autores estão dizendo algo, logo a interação está se realizando. Ao ouvir uma música no rádio, a interação também acontece. Sendo assim, a interação acontece sempre que os seres humanos estimulam-se reciprocamente e respondem um ao outro. Segundo Dressler (1980) “qualquer comunicação de significado, quer por meio da fala, da escrita, do gesto, quer por outro meio, é interação humana”. (DRESSLER, 1980, p. 9)

Nos estudos linguísticos, a interação começou a ganhar mais destaque a partir do desenvolvimento dos estudos pragmáticos, que consideram a língua como instrumento de interação, sendo, portanto, impossível analisá-la fora de seu contexto de uso. A perspectiva interacional da linguagem constitui-se como o modo mais adequado de estudar a linguagem, visto que fornece meios de buscar explicações em três campos de conhecimento: linguístico, social e cultural.

Bastos (1993) chama a atenção para o fato de que as estruturas linguísticas somente têm coerência em conjunto com as estruturas não linguísticas. Logo, para analisar um discurso faz-se necessário levar em consideração, além da organização das falas dos participantes em dada interação, o modo como os diálogos são construídos socialmente, tendo em vista os papéis que as pessoas têm de desempenhar na sociedade. Sendo assim, é preciso observar o linguístico e o não linguístico, considerando as circunstâncias em que a interação acontece e os participantes que dela fazem parte.

A autora informa sobre a distinção entre duas abordagens do discurso: uma, de base estrutural, que tem por objetivo identificar e analisar constituintes, focalizando o modo como estes funcionam uns em relação aos outros. E outra, de base funcional/pragmática, que vê o discurso como uma forma social e cultural organizada, através da qual determinadas funções são realizadas, focalizando os padrões de fala usados para fins determinados, como resultado do uso de estratégias comunicativas. Assim, uma análise funcional/pragmática identifica e analisa ações realizadas por pessoas para certos propósitos, interpreta sentidos sociais, culturais e interpessoais.

A análise a ser realizada neste estudo com entrevistas impressas enquadra-se na abordagem pragmática. A interação será vista a partir dos aspectos linguísticos como forma de identificar e compreender as relações entre os participantes, tendo em vista o meio social em que se encontram.

1.2 O tópico discursivo

De acordo com Lins (2008) existe um consenso entre os estudiosos do discurso sobre o fato de que se cada enunciado, numa sequência conversacional, é tópica, semântica ou pragmaticamente relevante para o enunciado diretamente seguinte ou precedente, a conversa como um todo será percebida como coerente, ou seja, apresenta uma continuidade que lhe proporciona uma relação lógica. O que não necessariamente significa que a ausência dessa relação acarreta incoerência. Segundo Lins (2004)

as rupturas, entre elas e principalmente as digressões, que poderiam ser vistas como rupturas dentro da conversação, são tratadas, por exemplo, por Dascal e Katriel (1979) como a substituição de um conjunto de relevâncias tópicas corrente por outro, o que não implicaria necessariamente uma descontinuidade textual, uma vez que o foco inicial pode voltar à tona. O tópico é gerenciado na conversação dentro de uma relação de organicidade, que se manifesta pela interdependência nos planos horizontal e vertical. (LINS, 2004, p.14)

Sendo assim, antes de analisar a manipulação do tópico discursivo como estratégia de preservação de face, cabe apresentar a noção de tópico e as propriedades definidoras dessa categoria.

1.2.1 A noção de tópico discursivo

Sabe-se que a fala se constitui como caráter social da linguagem e que a conversação face a face é a sua representação prototípica, porém as pessoas desconhecem sua estrutura organizacional. Por isso, surge a ideia de que a fala é incoerente e não organizada.

Para reforçar a ideia de organização do texto falado possibilitada por meio dos tópicos discursivos, Fávero (1999) afirma haver coerência no texto conversacional. No entanto, torna-se muitas vezes difícil identificar as marcas

linguísticas e discursivas dessa coerência que se manifesta na relação entre os referentes e não com base nas marcas. Por isso, a importância de se estudar a noção e os desenvolvimentos dos tópicos na conversação.

Fávero (2001), a partir da definição de tópico elaborada por Brown e Yule (“aquilo acerca do que está se falando”), chama a atenção para os fatores contextuais que possibilitam reconhecer o tópico discursivo de um texto. A autora afirma ainda que “o tópico é, assim, uma atividade construída cooperativamente, isto é, há uma correspondência – pelo menos parcial – de objetivos entre os interlocutores.” Sendo assim, apesar de, em alguns casos, se manifestar no nível da oração, o tópico discursivo relaciona-se intimamente ao texto, sendo dependente dele. Em algumas ocorrências o tópico não será observável explicitamente no que está sendo falado, mas será perfeitamente apreendido no texto, naquilo que é dito e que sofre influências extralinguísticas.

Em 2002, Jubran et al., a partir de uma perspectiva textual discursiva, promoveram um estudo da organização tópica de um discurso de natureza oral dialogada a fim de melhor definir a unidade de análise discursiva, o tópico:

tomado no sentido geral de “acerca de”, o tópico manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem. (JUBRAN et al., 2002, p. 344)

Jubran et al. (2002) propuseram uma análise que fosse além do turno, que, conforme proposto por Marcuschi (2007) é “aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio” e constitui-se como “uma das unidades centrais da organização conversacional”. Ou seja, é a forma coordenada entre os interlocutores pela qual há a alternância de tomadas de palavras. A tomada de turno rege-se por alguns esquemas preestabelecidos, porém negociados durante a conversação. Jubran et al. (2002) perceberam que, em uma conversação, a relação de interdependência entre os turnos

pode ser movida pela preocupação dos falantes em se entrosarem,

procurando manter a conversação em torno de um conjunto de referentes comuns. [...] Nesse caso são observáveis segmentos discursivos articulados em torno de um tópico proeminente (JUBRAN et al., 2002, p. 342)

ou seja, como a interação verbal é envolvida por atos colaborativos em vista à construção do texto, o turno é produzido por referência ao anterior.

A nova definição surgiu de uma revisão dos estudos do grupo cuja primeira definição revelou-se de difícil operacionalização devido ao caráter vago e amplo do significado de assunto e do alto grau de subjetividade na compreensão da noção: “fragmentos textuais, de extensões variadas, recobrando determinado assunto (tema), em pauta no segmento recortado para análise” (KOCH et al., 1990 apud JUBRAN et al, 2002, p. 343).

Apesar da conceituação de tópico ter sido postulada por Jubran et al. (1992) e Jubran (2006) a partir de um *corpus* constituído de textos dialogados, acredita-se que é um conceito passível de ser aplicado na análise das entrevistas impressas, já que a própria autora afirma que “se desbastada desses indícios de conversação, a categoria tópica é aplicável à análise de textos de outros gêneros falados e também escritos, uma vez que a topicalidade é um processo constitutivo do texto” (JUBRAN, 2006).

As dificuldades enfrentadas para se estabelecer um conceito ajustado para tópico discursivo residem no fato de se confundir tópico com tema/assunto e, principalmente, na forte tendência de análise/estudo tradicional da língua. Os estudos da língua falada e da língua considerando o contexto situacional de produção são recentes e extremamente dinâmicos. Outra dificuldade enfrentada é o conceito de tópico ter sido elaborado a partir da noção de turno e dos estudos de textos orais, ainda tão pouco explorados.

Dentro dessas suposições sobre manifestações verbais, e conforme Koch et al (1992), são duas as propriedades definidoras da categoria tópico: a de centração e a de organicidade. A propriedade da centração abrange três traços: 1. Concernência: a relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem – pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis; 2. Relevância: a proeminência desse conjunto, decorrente da

posição focal assumida pelos seus elementos; 3. Pontualização: localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento da mensagem.

Já a propriedade de organicidade, de acordo com Lins (2004)

compreende as relações de interdependência estabelecidas simultaneamente nos planos hierárquico e sequencial, englobando dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto e pelas articulações intertópicas relativas a adjacências ou interposições na linha discursiva. (LINS, 2004, p. 16)

Isso significa que um mesmo tópico discursivo pode ser mantido em fragmentos de uma conversação, mesmo que haja mudanças nos tópicos dos enunciados sentenciais; o que vai importar é a ligação com a mesma estrutura de relevância tópica.

Não é sempre que o início e o fim de um tópico são assinalados explicitamente. Às vezes, só se podem detectar as mudanças a partir da identificação de nova centração, que, muitas vezes, é percebida por uma substituição do conjunto de referentes. Para Brown e Yule (1983), a extensão de um tópico está relacionada à manutenção do tema e da relevância. Mentis (1988) afirma que a mudança se dá quando o tópico sob discussão termina e o conteúdo da sequência seguinte não se deriva da sequência tópica imediatamente precedente, o que é chamado de “movimento de fronteiras tópicas”.

A mudança de tópico é marcada por mecanismos linguísticos ou aleatoriamente, sem o uso de enunciado sinalizador, de modo incoerente, sem o estabelecimento de fronteira tópica. Para Maynard (1980, p. 271) a substituição de tópico é vista sob outra perspectiva: a mudança envolve um movimento de um aspecto de um tópico para outro, com vistas a gerar um conjunto diferente de referentes.

Numa conversação espontânea, a coerência se mostra na medida em que a relação semântica entre enunciados fica evidenciada, conferindo continuidade tópica. Entretanto, podem ocorrer rupturas no desenrolar da conversação, o que não significa que haja incoerência, porque, numa visão global, essas rupturas podem ser vistas como descontinuidades.

No caso de entrevistas, a manipulação do tópico discursivo pode ocorrer quando o locutor tem a intenção de preservar a face. Assim, manipulando o tópico, pode levar a conversação para um “caminho” que o livre de constrangimentos sociais.

1.2.2 Continuidade e descontinuidade na conversação

Segundo Lins (2004, p. 19) “a conversação espontânea mostra-se coerente, na medida em que a relação semântica entre enunciados fica evidenciada, conferindo continuidade tópica.” Porém, durante o desenvolvimento da conversação podem ocorrer rupturas, que não necessariamente prejudicam a coerência. A essas rupturas, dá-se o nome de descontinuidades.

Segundo Jubran (1993), a descontinuidade na organização tópica

decorre de uma perturbação da sequencialidade linear, acarretada ou pela suspensão abrupta e definitiva de um tópico, antes de seu necessário desenvolvimento, ou pela cisão de um tópico em partes, que se apresentam de forma não-adjacente na linearidade discursiva. (JUBRAN, 1993, p.63-64).

Segundo a mesma autora, a suspensão do tópico ocorre quando este é suspenso e não reaparece em nenhum outro ponto da conversação. Já a cisão do tópico ocorre quando há uma inserção e o tópico é retomado em outro momento. Nesse sentido, Jubran salienta a inserção de informações paralelas e subsidiárias no tema em curso, como um fenômeno que causa descontinuidade.

Jubran (1994) afirma que a continuidade se caracteriza por uma relação de adjacência entre dois tópicos que ocorre no momento em que há o esgotamento do tópico anterior, ou seja, um tópico se inicia a partir do momento em que o outro, o anterior, se encerra.

Koch (1992) também oferece contribuições significativas ao estudo da continuidade e descontinuidade tópica. Ao tratar das rupturas na organização textual, a autora afirma que as descontinuidades no sequenciamento tópico constituem dois grandes grupos: os processos de inserção e de reconstrução. As inserções são segmentos discursivos que provocam uma

suspensão temporária do tópico em curso. Elas podem desempenhar diferentes funções como ilustrar, exemplificar, explicar, atenuar, fazer ressalvas etc.

Segundo Koch (1992) existe um tipo de inserção que, aparentemente, não desempenha qualquer função em relação ao tópico em curso. Constitui-se como uma quebra no fio discursivo, que é a digressão. As digressões, além de poderem ser introduzidas por marcadores, chamam a atenção do interlocutor para a suspensão do tópico (por falar nisso, a propósito, desculpe interromper... etc.), podem também ser encerradas por meio de marcadores (voltando ao assunto, sobre o que estávamos falando?), que mostram a intenção de apenas fazer um parêntese no momento da conversação. Segundo a autora, as inserções e as digressões não devem ser concebidas como prejudiciais à coerência textual, pois podem muitas vezes ajudar a construí-la.

Quanto à reconstrução, segundo Lins (2004, p. 22) “esta é definida como a reelaboração da sequência discursiva, que provoca também uma diminuição de ritmo no fluxo informacional, com a volta de conteúdos já veiculados.” A função da reconstrução é melhorar ou reformular um segmento do texto já produzido. São as correções, os reparos, as repetições, os parafraseamentos e adjunções.

No que diz respeito ao fenômeno da digressão, Fávero (2001) afirma que são inserções e as define como porções de conversa que não se acham diretamente relacionadas com o tópico em andamento. Koch et al. (1992) também as vê como digressões, porém faz algumas observações. Segundo a autora, as digressões podem constituir-se como um tópico que, de algum modo, se relaciona a outros tópicos da conversação, ou não apresentar relações de conteúdo com outro tópico, justificando-se por semelhanças interacionais.

Na análise da digressão faz-se necessário verificar em que condições algum desvio de tópico gera uma mudança, uma evolução natural do assunto ou uma digressão.

1.2.3 Mudança de tópico

No que diz respeito à mudança de tópico, Mentis (1988, p. 62) afirma que ela se dá quando o tópico sob discussão termina e o conteúdo da sequência seguinte não se origina da sequência tópica precedente. Mentis lista alguns mecanismos sinalizadores de transição de um tópico para outro: 1) uso de proposição que marca explicitamente o fechamento de uma sequência tópica; 2) uso de enunciado conclusivo sobre o tópico em discussão; 3) silêncios; 4) uso de “movimentos de passagem” (“é”, “certo”, “okay”, etc.); 5) ocorrência de algum evento no meio ambiente que resulte no fechamento da sequência tópica; 6) não marcação de fechamento tópico; 7) mudança de tópico depois de um discurso ambíguo de um dos participantes.

A autora afirma, ainda, que a mudança de tópico pode ser realizada através de enunciados de início de tópico (Vamos falar de...), uso de perguntas, uso de enunciados de reintrodução de tópico (Voltando a...).

A mudança de tópico é também vista sob outra perspectiva. Segundo Maynard (1980, p. 271), “a mudança de tópico envolve um movimento de um aspecto de um tópico para outro, com vistas a gerar um conjunto diferente de referentes”.

Cabe ressaltar que ambas as noções sobre delimitação de tópico discursivo incluem-se dentro das duas propriedades do tópico discursivo já mencionadas neste trabalho, que são a centração e a organicidade, que permitem identificar a delimitação de unidades discursivas, além de possibilitar a observação de como o tópico é introduzido, mantido e finalizado, a partir de marcas, que podem ser linguísticas ou não.

1.2.4 Delimitação tópica

Segundo Maynard (1990 apud JUBRAN et al., 2002), os estudos mais atuais demonstram que o tópico não é mais visto apenas como uma noção de conteúdo, visto que “aquilo de que se fala” não pode ser desvinculado do “como se fala” (MAYNARD, 1980 apud JUBRAN et al., 2002).

Tomando o tópico como um princípio organizador do discurso, Jubran et al. (2002) postulam a outra propriedade do tópico: a organicidade. Esta

propriedade diz respeito às relações de interdependência tópica, que pode se estabelecer em dois níveis: o hierárquico e o linear/sequencial. O primeiro se refere ao plano vertical, em que os tópicos podem ser descritos hierarquicamente “conforme as dependências de superordenação e subordinação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto” (JUBRAN et al., 2002, p. 345) e o segundo se refere ao plano horizontal “de acordo com as articulações intertópicas em termo de adjacências ou interposições na linha discursiva” (JUBRAN et al., 2002, p. 345).

Baseando-se nessa categoria, Jubran et al. (2002) identificam e delimitam os segmentos tópicos, ou seja, “unidades discursivas que atualizam as propriedades de tópico” (JUBRAN et al., 2002, p. 345); observam como esses segmentos se distribuem linearmente e se interrelacionam hierarquicamente no texto e caracterizam estruturalmente os segmentos, ou seja, apresentam as marcas linguísticas que evidenciam a abertura, meio ou saída que ajudam a delimitá-los.

Em relação à hierarquização, Jubran et al. (2002) afirmam que é possível observar e identificar as relações de interdependência entre os tópicos de acordo com a sua abrangência.

Há como que camadas de organização, indo desde um tópico suficientemente amplo para não ser recoberto por outro superordenado, passando por tópicos sucessivamente particularizados, até se alcançarem constituintes tópicos mínimos-definíveis pelo maior grau de particularização do assunto em relevância. (JUBRAN et al., 2002, p. 346)

Existem marcas que podem delimitar os segmentos tópicos e podem ser: i) prosódicas (entonação, por exemplo); ii) morfossintáticas (topicalização - quando um dos referentes passa a ser centralizado e torna-se novo assunto de relevância - topicalização com um pronome correferencial presente); iii) léxico-semânticas (paráfrases, repetições seja para concluir tópicos ou concluir para introduzir novos tópicos, frases feitas, ditados populares e enunciados conclusivos); iv) marcadores discursivos; v) atos ilocutórios; vi) silêncio e pausas; vii) hesitações, etc.

Nesta pesquisa será observado ainda o uso desses marcadores

discursivos, tendo em vista que essas unidades podem constituir-se como recursos linguísticos estratégicos, utilizados pelo falante para a preservação de sua face.

2. A construção da imagem social

Estudiosos da sociologia, como Dressler (1980) apontam para a formação da personalidade do indivíduo, que segundo eles é grandemente criada através da interação social, na qual o indivíduo projeta uma personalidade a outras pessoas e continuamente a modifica em resposta às avaliações que elas fazem.

Sociólogos como Cooley (1902), Mead (1934) e Goffman (1959) dedicaram-se ao estudo do Eu Social. Cooley e Mead afirmam que o eu é um produto social formado pelos julgamentos de outras pessoas. À medida que indivíduos em desenvolvimento interagem com outras pessoas (pais, colegas, professores, etc.) eles aprendem a interpretar as suas expressões faciais e outros gestos; a compreender quando eles estão satisfeitos, insatisfeitos, aprovando ou desaprovando; e a adotar as atitudes deles com relação às suas próprias ideias de comportamento. Sendo assim, segundo Dressler (1980) “o indivíduo aprende a prever o que os outros esperam e a controlar e avaliar as suas próprias ações constantemente.

Diferentemente de Cooley e Mead, que teorizaram a concepção de si mesmo que obtemos de terceiros, Goffman ([1959] 1975) focalizou a maneira como projetamos para terceiros uma concepção do eu que esperamos ser aceita por eles. Desse modo, ao se apresentar perante terceiros, o indivíduo consciente e inconscientemente guia e controla as impressões que vai criar. Ou seja, ao considerar as impressões que os terceiros terão de si, o indivíduo vale-se de estratégias para a construção de sua autoimagem.

A partir dessas considerações, Goffman apresenta os conceitos de representação, fachada social, linha de conduta e face. Este último, foi revisitado posteriormente, por Brown e Levinson, a fim de contribuir para os estudos linguístico-pragmáticos.

2.1 A noção de face

Goffman foi um grande estudioso da interação social e, em seus estudos fazia sempre comparações com o ambiente teatral. Em 1959,

Goffman publica a obra *A representação do eu na vida cotidiana*¹, na qual vai discutir questões como a representação, fachada social e outros detalhes concretos de interações entre indivíduos na vida cotidiana. Segundo o autor

quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita que seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 1975, p. 25)

Assim, Goffman explica que todos os indivíduos são atores, que atuam para viver em sociedade. Dessa maneira, em todo e qualquer encontro social, cada pessoa tem um comportamento específico para aquela situação e tende a pôr em ação sua linha de conduta. Essa linha de conduta caracteriza-se por atos pelos quais o falante expressa sua visão da situação. “É através dessa visão que nos percebemos e somos percebidos, e é esse modo de percepção que levamos em consideração ao interagirmos com os outros em um contexto dinâmico” (TAVARES, 2007, p. 28). Em cada contexto, os participantes representam seus papéis e estão, constantemente, envolvidos no processo de construção de suas imagens (faces).

Erving Goffman (1967) afirma que todo indivíduo possui uma face, que é definida por ele como

o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. Face é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados (...) (GOFFMAN, 1967, p. 5).

Deste modo, para manter as relações sociais entre os interlocutores é importante ser amigável, cortês, discreto, solidário, educado, já que todos os indivíduos, em qualquer situação comunicativa, têm a necessidade de manter o valor positivo de sua face.

Em relação à face, Goffman (1967) esclarece que não se restringe ao interior ou à superfície do corpo de uma pessoa, mas é algo que se localiza nos eventos que acontecem em um encontro e é manifestada somente

¹ Título original: *The presentation of self in everyday life*, 1959

quando estes eventos são interpretados. Assim, é impossível ter total controle da própria face, já que não se consegue controlar a interpretação que o outro fará do que é dito. Pode-se afirmar, portanto, que a face é algo que está fora do controle do indivíduo, pois ela é, efetivamente, construída com o outro.

Em outras palavras, mesmo que a face seja o que um indivíduo possua de mais particular, ela é apenas um empréstimo que lhe foi concedido pela sociedade, logo é um produto social. Dessa forma, a face carrega esse duplo sentido ao ser um produto do desempenho dos indivíduos e de esse desempenho ser restringido por normas sociais, sendo apenas validado pelo outro, pela sociedade.

Para Goffman (1967), as pessoas utilizam dois tipos de procedimentos na elaboração da face (*face-work*) quando têm o objetivo de atenuar ações ameaçadoras: há o trabalho de evitar e o de corrigir ações ameaçadoras, já que, segundo o autor, a manutenção da face é uma condição da interação.

2.2 Contribuições ao estudo da face

A partir do conceito de face de Goffman, Brown e Levinson (1987) propõem uma dualidade para a noção de face:

- a) Face positiva: está relacionada à necessidade de aceitação do indivíduo, o desejo de ser aprovado, aceito, apreciado pelos parceiros da atividade comunicativa.
- b) Face negativa: diz respeito ao desejo de autoafirmação, de não sofrer imposições e de ter liberdade de ação, estando, assim, relacionada à reserva de território pessoal e à necessidade de ser independente.

Desse modo, os indivíduos não possuem somente uma face. Esta poderá constituir-se como positiva ou negativa e o que irá estabelecer essa diferença é o desejo do indivíduo de ser aceito, alcançar uma meta planejada, ou, ainda, obter um prestígio social. Pode-se afirmar, então, que a elaboração da face em positiva ou negativa acontece com um objetivo específico do indivíduo, que almeja ser agradável aos outros, ser aceito ou que almeja agir livremente, ser independente e não sofrer imposições.

A face positiva é elaborada quando a interação ocorre com indivíduos aos quais se quer bem e a quem se dedica respeito e, ainda, quando aqueles que, mesmo sem serem participantes do convívio direto, merecem atenção em decorrência dos objetivos que se almeja realizar. A sociedade exige constantemente a apresentação de uma face positiva, já que existe uma valorização cada vez maior da imagem e o constante desejo de construção de boas relações. Os indivíduos estão se expondo cada vez mais e a manutenção de suas faces deve se dar por meio da constituição de uma face positiva no momento da interação social, visto que a apresentação de uma face negativa comprometeria o bom desempenho da interação.

A face negativa, ao contrário da positiva, é a face que o indivíduo não quer expor, para que sua imagem não seja distorcida. Essa face representa a revelação da intimidade do indivíduo despreocupado com a representação de um papel. Isso, geralmente, acontece em ambientes familiares, nos quais existe um conhecimento partilhado e as relações acontecem mais naturalmente. Porém, existem casos em que a exposição da face negativa acontece em ambientes menos íntimos, o que prejudica a interação, já que para consolidar e manter a harmonia da interação é preciso evitar esse tipo de comportamento.

Diante disso, percebe-se que a regra do bom convívio social é revelar a face positiva e ocultar a face negativa. Porém, isso nem sempre ocorre, e quando a face negativa emerge, em geral, é porque o indivíduo se sentiu ameaçado de alguma forma. Nessa perspectiva, a ocorrência de estratégia de face negativa pode representar um descontrole interacional.

Em resumo, para Brown e Levinson (1987), “face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e tem que ser constantemente cuidada numa interação”.² (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61) Desse modo, sempre há uma construção que exige medidas para a manutenção, preservação e salvação da face que foi construída.

² Texto original: “Thus face is something that is emotionally invested, and that can be lost, maintained, or enhanced, and must be constantly attended to be interaction.” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61)

2.3 Preservação e ameaça à face

Por ser uma atividade puramente interacional, uma conversa exige a relação dentre, no mínimo, duas pessoas. Goffman (1967), que se dedicou aos estudos interacionais, afirma que, além de construir e manter sua face (**orientação defensiva**), todo indivíduo deve respeitar e não ameaçar a face do outro (**orientação protetora**). E, de acordo com Tavares (2007),

poder e prestígio são fatores determinantes nesses casos, pois normalmente tem-se maior consideração por aqueles que são mais poderosos, e, marcando a bilateralidade do processo, o mais poderoso pode ser também o mais ameaçador. (TAVARES, 2007, p. 29)

É importante salientar que existirão práticas exclusivamente protetoras e práticas exclusivamente defensivas, ainda que, em geral, as duas tendam a coexistir, pois ao tentar salvar a face do outro é preciso estar atento para não perder a própria face e vice-versa.

Goffman, em seus estudos, distinguiu dois tipos básicos de elaboração de face: o processo de **evitação**, que consiste em evitar situações ameaçadoras e o processo **corretivo**, que consiste em corrigir tais situações. No primeiro processo, os participantes evitam tópicos que ameacem suas faces ou as dos outros participantes e podem até mudar de assunto caso percebam o conflito gerado. No processo corretivo, a ameaça acontece e os participantes, para mitigá-la, podem realizar quatro movimentos clássicos: 1) o *desafio*, em que os outros participantes chamam a atenção do falante para a conduta desviada; 2) a *oferenda*, através da qual se dá ao falante a chance de corrigir a ofensa e restabelecer o equilíbrio da interação; 3) a *aceitação*, na qual as pessoas aceitam a oferta de correção e, por fim, existe 4) o *agradecimento* àqueles que lhe perdoaram.

Além das práticas defensivas e protetoras, também é necessário que os participantes de uma interação tenham tato, o que contribui na manutenção do processo interacional. O falante deve ser sensível às insinuações e estar disposto a aceitá-las, objetivando salvar e manter o equilíbrio da conversação.

É claro que os participantes nem sempre fazem uso desses atributos, o que, evidentemente, prejudica a interação e contribui para que aconteçam novos atos que ameacem a sua face e a dos outros participantes. Dessa forma, é postulada a existência de Atos Ameaçadores de Face (FTA's). A seguir, exemplicam-se alguns atos ameaçadores das faces positiva e negativa do falante e do ouvinte na interação verbal:

1. **atos que ameaçam a face positiva do ouvinte:** desaprovação, insultos, acusações;
2. **atos que ameaçam a face negativa do ouvinte:** pedidos, ordens, elogios;
3. **atos que ameaçam a face positiva do falante:** auto-humilhação, auto-confissões;
4. **atos que ameaçam a face negativa do falante:** agradecimentos, excusas, aceitação de ofertas.

Para Brown e Levinson (1987), em um contexto interacional de mútua vulnerabilidade, qualquer participante tentará evitar esses atos de ameaça ou contornar a situação, através de estratégias de negociação da imagem, minimizando suas ameaças, caso as tenha cometido e salvando suas faces, caso tenha sofrido algum tipo de ameaça.

3. Teoria da Polidez Linguística: perspectivas tradicionais

Torna-se relevante para a compreensão da polidez, enquanto conceito da Pragmática Linguística, o entendimento acerca desse fenômeno. Como Oliveira (2008) aponta, são muitos os exemplos cotidianos de comportamentos a serem julgados como polidos ou impolidos na vida social. A autora salienta que

o conceito de polidez, nas ideologias de senso comum, vem geralmente associado ao de boas maneiras, educação, civilidade. Ou seja, diz respeito aos comportamentos considerados apropriados, isto é, que atendem às normas sociais compartilhadas. São essas normas que definem o que pode ser considerado um comportamento 'bonito' e 'correto' [...].” (Oliveira, 2008, p.199)

Dessa forma, o que determina a escolha de um indivíduo a ser ou não polido é a obediência a certos padrões estéticos e morais. Segundo Comte-Sponville (1993), a polidez não é uma virtude, mas uma aparência de virtude, simplesmente uma qualidade formal não necessariamente associada a verdadeiras intenções morais. Curiosamente, a polidez seria a origem de todas as virtudes, não sendo ela mesma virtuosa, constituindo a capacidade de discernir comportamentos apropriados dos não apropriados, Oliveira (2008) compreende que se aprende que se deve buscar expressar sentimentos agradáveis aos outros, sejam eles sentidos ou não, ao mesmo tempo em que se devem reprimir sentimentos desagradáveis, ainda que sejam sentidos.

Estudos clássicos da Pragmática Linguística propõem modelos que acrescentam informações relevantes para se pensar a polidez. Dentre eles, destacam-se os propostos por Lakoff (1975), que considera a polidez uma regra pragmática; Brown e Levinson ([1978]1987), que observam esse conceito como um trabalho de face; e Leech (1983), que a considera um princípio conversacional.

3.1 Lakoff: a polidez como regra pragmática

Em 1973 Robin Lakoff publica a obra *Language and Woman's Place*, na qual se dedica ao estudo da estrutura linguística relacionada ao gênero masculino e feminino. Nessa obra a autora verifica a existência de consideráveis diferenças entre o comportamento linguístico masculino e feminino.

Outra observação importante que a autora faz é a de que as mulheres tendem a ser mais polidas que os homens. É a partir dessa conclusão que a autora percebe as diferenças existentes entre o comportamento cortês e o comportamento grosseiro. Ou seja, existem elementos linguísticos e não linguísticos que nos permitem classificar determinada construção como polida ou não.

Assim, Lakoff propõe o Princípio da Polidez, composto por três preceitos que, geralmente, são respeitados pelos falantes que desejam ser polidos, a saber:

- 1) Regra da formalidade: Não imponha; mantenha sua distância.
- 2) Regra de respeito: Dê opções; permita a outra pessoa falar.
- 3) Regra de camaradagem: Seja amigo; mantenha a camaradagem.

De acordo com Lakoff ([1973] 1975) a primeira regra deve ser utilizada em situações em que existe diferença de poder e *status* entre os participantes. A segunda regra é exigida quando poder e *status* dos participantes são semelhantes, mas o grau de intimidade é baixo. Já a terceira regra é adequada para interações em que os participantes possuem alto grau amizade e intimidade.

A autora afirma que as regras servem apenas para orientar as conversas, visto que todos têm um modo natural de falar. Dessa forma, os preceitos apresentados auxiliam na escolha do modo apropriado de acordo com o momento, revelando boas pessoas. É claro que o uso das regras varia de acordo com a cultura, não é inconsciente e nem sem propósito, visto que sempre se fala com um objetivo. O modo como a interação se desenvolve é que constitui a imagem que será construída e é básico para que se forme as impressões de cada um.

3.2 Leech: a polidez como princípio conversacional

Em 1983, em sua obra *Principles of Pragmatics*, Leech apresenta o princípio da polidez como elemento complementar ao princípio da cooperação, apresentado por Grice em 1982. Para ele o princípio de Grice, sozinho, não explica, por exemplo, o motivo de o falante usar a indiretividade para transmitir significados nem a relação entre sentido e significado em sentenças não declarativas. Ele afirma que a polidez é um elo importante entre o Princípio da Cooperação e o problema de relacionar sentido e força.

Leech argumenta também que, em alguns momentos, a cooperação pode desempenhar um papel mais importante do que a polidez como na simples troca de informação entre os falantes. Em outros momentos, a polidez predomina sobre a cooperação, em casos quando, por exemplo, a quebra da máxima de qualidade faz-se necessária para o objetivo primeiro da interação escolhido pelo falante ser alcançado.

Apesar de em seu trabalho de 1983 Leech basear-se na 'polidez absoluta', ele aponta a importância de ser considerada a 'polidez relativa', ou seja, a polidez avaliada de acordo com o contexto ou situação de comunicação na qual ocorre. Isso significa que a polidez deve sempre ser considerada com base no contexto porque o que é tido como polido em um determinado momento pode não o ser em outro. Como diz Leech, é com base nas normas de um grupo que é possível o julgamento de um indivíduo quanto à polidez ou falta de polidez, em uma determinada situação de fala.

Leech propõe seis máximas de polidez - tato, generosidade, aprovação, modéstia, acordo e simpatia. Essas máximas entram em cena para satisfazer as necessidades que surgem na interação quanto à polidez que é exigida em decorrência da relação existente entre as funções ilocucionárias e o objetivo de manutenção de boas relações.

O autor introduz também as escalas pragmáticas com as quais se pode avaliar o grau apropriado de polidez em uma determinada situação de fala. São elas: custo/benefício, opcionalidade e indiretividade.

Em suma, para Leech (1983) o princípio da polidez é fundamental nas rotinas verbais e constitui-se como um princípio governado por normas. Para o estudioso, princípios e máximas de bom comportamento comunicativo

regem tanto a função interpessoal quanto a textual, ambas pertencentes ao domínio da pragmática.

3.3 Brown e Levinson: polidez como trabalho de face

Em 1978, inserido na obra *Question and politeness*, Brown e Levinson publicaram a primeira versão de *Politeness: some universals in language usage*. Somente em 1987, os autores publicaram a versão atual – utilizada nesta pesquisa.

A obra foi organizada a partir de dados reais extraídos de interações de três línguas: inglês (Estados Unidos e Inglaterra), tzetel (México) e tamil (Índia). Os autores defendem a polidez como um fenômeno universal, visto que perceberam, em seus estudos, que a negociação da face nas interações cotidianas apresenta também caráter universal.

Para Brown e Levinson, todo falante em sua língua é dotado de duas propriedades: 1) razão, que lhe permite escolher os meios adequados para atingir os fins pretendidos; 2) face, que, na definição de Goffman (1967), se refere à autoimagem pública que uma pessoa constrói, sustenta ou perde, em função da linha de conduta adotada no decorrer de uma interação.

De acordo com os autores a preservação da face motivaria o comportamento polido nas interações sociais a fim de manter um equilíbrio interacional, uma vez que elas seriam guiadas por princípios de respeito aos desejos de face de não sofrer imposições (face negativa) e de ter a aprovação do outro (face positiva). Assim, os participantes tenderiam a controlar sua conduta a fim de evitar comportamentos inconsistentes com a imagem que reivindicam e também a sustentar a imagem do outro, evitando seu desmascaramento. A escolha de como fazer um ato de ameaça à face do outro envolveria uma avaliação do grau de intimidade entre os interactantes, da diferença de status entre eles e da gravidade de determinado ato na cultura em questão.

Para Brown e Levinson, a polidez é um dos elementos essenciais da vida social humana e, portanto, uma condição necessária para uma cooperação linguística eficaz. Desse modo, é, sem dúvida, instrumento de construção, manutenção e preservação de face.

3.3.1 Estratégias de Polidez

O termo “estratégia” é encontrado no dicionário como “a arte de explorar quaisquer condições favoráveis com a finalidade de alcançar objetivos específicos.” (Ferreira, 1986) Desse modo, a utilização de estratégias linguísticas tem como objetivo buscar a melhor maneira de alcançar um objetivo dentre as possibilidades de escolhas entre diferentes táticas.

Brown e Levinson (1987), em sua obra *Politeness: some universals in language usage*, apresentaram uma relação de atos, os quais caracterizaram como atos ameaçadores da face (AAF's). Tais atos, apresentados no capítulo anterior, têm a característica de ir de encontro aos desejos dos participantes da interação. Para Brown e Levinson, em um contexto interativo de mútua vulnerabilidade e, conseqüentemente, de tentativa de mútua cooperação, qualquer participante fará uso de estratégias de negociação da imagem. Ou seja, tentará evitar esses AAF's ou contornar a situação, minimizando suas ameaças, caso as tenha cometido.

Os autores utilizam o termo estratégia, visto que para eles nenhum outro termo consegue englobar tanto uma atitude consciente quanto inconsciente. Ou seja, os sujeitos têm consciência do risco de sofrer uma ameaça na interação com outros indivíduos, sabem da necessidade de serem polidos em situações específicas para minimizar os efeitos de um AAF's, mas nem sempre agem conscientemente na escolha das estratégias de polidez.

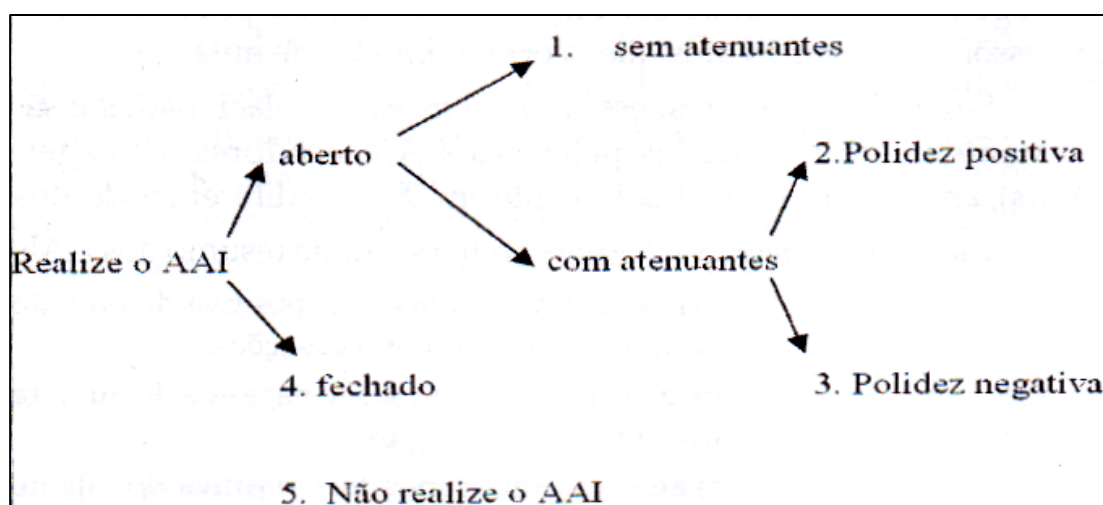
Para Brown e Levinson os procedimentos de atenuação dos atos ameaçadores à face são as estratégias de polidez, cuja meta é assegurar uma transmissão eficaz e harmoniosa da interação. Segundo esses autores, as estratégias de polidez podem ser realizadas de três formas distintas: *on record*, *off record* e *bald on record*.

As estratégias realizadas de forma *on record* mostram que o falante tem a intenção de assumir seu ato linguístico e de se comprometer diante do que fala. Nas estratégias realizadas de forma *off record*, o locutor evita responsabilizar-se por seus enunciados. Deixa ao seu interlocutor a responsabilidade de interpretação do que enuncia, evitando, assim, uma

possível ameaça. Já nas estratégias realizadas de forma *bald on record*, o falante preocupa-se apenas com o que diz, e não em como dizer. O objetivo maior é comunicar algo.

A seguir, será exposto um esquema das estratégias de polidez do modelo de Brown e Levinson, seguidos por alguns exemplos, com a finalidade de ilustrar o que significa cada estratégia mencionada por esses autores.

Figura 1: Esquema de estratégias



Fonte: Brown; Levinson, 1987, p.69

Tomemos como exemplos as seguintes falas:

1. Me empresta sua caneta.
2. Me empresta sua caneta?
3. Será que você poderia, por gentileza, me emprestar sua caneta?
4. Esqueci de trazer a minha caneta.

A frase 1 é um exemplo de realização do modo *Bald on Record*, em que o falante realiza um ato ameaçador de face de forma direta e sem utilização de atenuantes. A frase 2 exemplifica o modo *On Record*, que caracteriza a polidez positiva e, através do qual o falante realiza um pedido direto com ação reparadora (nesse caso, a realização de pergunta). A frase 3 também apresenta-se no modo *On Record*, porém apesar de constituir-se como um pedido direto, o falante se preocupa em deixar saídas ao

interlocutor, ou seja, não invade o seu território, não impõe, caracterizando a polidez negativa. A frase 4 é um pedido indireto, portanto a interpretação depende do interlocutor/ouvinte. O pedido indireto, caso não seja interpretado da maneira como o interlocutor/falante gostaria possibilita ao enunciador a manutenção da sua face, visto que evita os riscos de possível ameaça às faces. Cabe ressaltar que todas as quatro frases comunicam a mesma mensagem (necessidade de uma caneta). O que as diferencia é o modo como são proferidas, ora de forma polida, educada e respeitosa, ora de forma impositiva, rude e seca.

3.3.1.1 Estratégias *On Record*

As estratégias *on record* são aquelas realizadas de forma direta, em que o falante tem a intenção de assumir seu ato linguístico deixando clara a interpretação desse ato. Ou seja, o falante se compromete diante do que fala. Nesse tipo de estratégia, o enunciador tem a possibilidade de realizar o ato linguístico de duas maneiras distintas: através da polidez positiva ou através da polidez negativa.

3.3.1.1.1 Polidez Positiva

Como a face positiva diz respeito à necessidade de ser aceito, admirado pelos outros, a polidez positiva constitui-se como um tipo de estratégia que procura manter a face positiva do ouvinte. Segundo Guimaraes (2010)

ao usar estratégias de polidez positiva, o falante indica que pertence ao mesmo grupo social do ouvinte, demonstra também alguma admiração pelo seu interlocutor e, ainda, que está disposto a beneficiar o ouvinte com sua cooperação na atividade interacional. (GUIMARAES, 2010, p. 32)

A utilização de polidez positiva pelo falante indica estratégias de envolvimento para diminuir a distância social. A seguir, apresenta-se um quadro que traz alguns exemplos do que Brown e Levinson (1987) caracterizaram como estratégias de polidez positiva.

Quadro 1: Estratégias de polidez positiva

<p>1. Focalize os interesses, desejos, necessidades do ouvinte.</p> <p>Exemplo: “You must be hungry, it’s a long time since breakfast. How about some lunch?”</p> <p>Tradução: Você deve estar com fome, faz muito tempo desde o café. Gostaria de almoçar?</p>
<p>2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo ouvinte.</p> <p>Exemplo: “What a fantastic garden you have!”</p> <p>Tradução: Que jardim fatástico você tem!</p>
<p>3. Intensifique o interesse pelo outro.</p> <p>Exemplo: “You always do the dishes! I’ll do them this time.”</p> <p>Tradução: Você sempre cozinha! Vou fazer a comida esta vez.</p>
<p>4. Use marcas de identidade de grupo.</p> <p>Exemplo: “Come here, mate.”</p> <p>Tradução: Venha aqui, companheiro.</p>
<p>5. Procure concordância.</p> <p>Exemplo: “A: I had a flat tire on the way home. B: Oh God, a flat tire!”</p> <p>Tradução: A: Eu tinha um pneu furado no caminho de casa. B: Oh Deus, um pneu furado!</p>
<p>6. Evite discordância.</p> <p>Exemplo: “A: You hate your Mom and Dad. B: Oh, sometimes.”</p> <p>Tradução: A: Você odeia sua mãe e seu pai. B: Oh, às vezes.</p>
<p>7. Focalize os interesses, desejos, necessidades do ouvinte.</p> <p>Exemplo: “A: Oh this cut hurts awfully, Mom. B: Yes dear, its hurts terribly, I know.”</p> <p>Tradução: A: Oh, esse corte é horrível, mãe. B: Sim querido, ele dói terrivelmente, eu sei.</p>
<p>8. Brinque.</p> <p>Exemplo: “OK if tackle those cooks now?”</p> <p>Tradução: Tudo bem se eu atacar esses biscoitos agora?</p>
<p>9. Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro.</p> <p>Exemplo: “ I know you love roses but the florist didn’t have any more, so I</p>

<p>brought you geraniums instead.”</p> <p>Tradução: Eu sei que você ama rosas, mas o florista não tinha mais, então eu comprei gerânios ao invés de rosas.</p>
<p>10. Ofereça, prometa.</p> <p>Exemplo: “I’ll drop by sometime next week.”</p> <p>Tradução: Eu virei em algum momento na semana que vem.</p>
<p>11. Seja otimista.</p> <p>Exemplo: “Look, I’m sure you won’t mind if I remind you to do the dishes tonight.”</p> <p>Tradução: Veja, eu tenho certeza de que você não se importará se eu lembrá-lo de cozinhar essa noite.</p>
<p>12. Inclua o ouvinte na atividade.</p> <p>Exemplo: “Give us a break.”</p> <p>Tradução: Dê-nos um intervalo.</p>
<p>13. Forneça ou peça razões.</p> <p>Exemplo: “Why not lend me your cottage for the weekend?”</p> <p>Tradução: Por que não me empresta o seu chalé para o fim de semana?</p>
<p>14. Simule ou explicita reciprocidade.</p> <p>Exemplo: “I’ll do X for you if you do Y for me.”</p> <p>Tradução: Eu farei isso pra você se você fizer isso pra mim.</p>
<p>15. Forneça presentes ao ouvinte (qualidade, simpatia, cooperação).</p> <p>Brown e Levinson (1987) não apresentam um exemplo para essa estratégia de polidez.</p>

Fonte: Brown; Levinson (1987)

3.3.1.1.2 Polidez Negativa

Ao contrário da polidez positiva, que é endereçada à face positiva do ouvinte, a polidez negativa é direcionada à face negativa do ouvinte. O enunciador, ao utilizar a polidez negativa atua no sentido de tentar evitar imposição ao interlocutor. Sendo assim, esse tipo de estratégia corresponde ao que se espera de um comportamento respeitoso, e baseia-se em aspectos que o falante deve evitar, como a invasão do território pessoal de seu

ouvinte.

Apresenta-se a seguir um quadro com alguns exemplos, traduzidos da língua inglesa, que caracterizam a polidez negativa.

Quadro 2: Estratégias de polidez negativa

<p>1. Seja convencionalmente indireto. Exemplo: “Can you please pass the salt?” Tradução: Você pode, por favor, passar o sal?</p>
<p>2. Questione, seja vago. Exemplo: “I think that Harry is coming.” Tradução: Eu acho que Harry está vindo.</p>
<p>3. Seja pessimista. Exemplo: “Perhaps you’d care to help me.” Tradução: Talvez você se importasse em me ajudar.</p>
<p>4. Minimize a imposição. Exemplo: “I just want to ask you if I can borrow a little paper?” Tradução: Eu só queria perguntar a você se eu poderia pegar um papel pequeno?</p>
<p>5. Mostre respeito. Exemplo: “That’s all right, sir.” Tradução: Está tudo certo, senhor.</p>
<p>6. Peça desculpas. Exemplo: “I’m sorry to bother you, but...” Tradução: Perdoe-me por incomodar, mas...</p>
<p>7. Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes eu e você. Exemplo: “It’s broken.” Tradução: Isso quebrou.</p>
<p>8. Declare o FTA como regra geral. Exemplo: “We don’t sit on tables, we sit on chairs, Johnny.” Tradução: Nós não sentamos em mesas, nós sentamos em cadeiras, Johnny.</p>
<p>9. Nominalize. Exemplo: “It’s pleasant to be able to inform you.” Tradução: É um prazer estar apto para informá-lo.</p>

10. Aja como se estivesse assumindo o débito, ou como se estivesse em dívida com o ouvinte.

Exemplo: “I’d be eternally grateful if you could...”

Tradução: Eu estaria eternamente grato se você pudesse...

Fonte: Brown; Levinson (1987)

3.3.1.2 Estratégias *Off Record*

As estratégias *Off Record* são representadas por atos comunicativos indiretos, evasivos, que são utilizados pelo enunciador quando ele não deseja se comprometer diante do que fala, deixando possibilidade de outras interpretações. Ou seja, o locutor transfere ao ouvinte a responsabilidade de interpretar seus enunciados. Através dessas estratégias o locutor pode produzir atos ameaçadores às faces do ouvinte, mas de forma indireta.

Quadro 3: Estratégias de indiretividade

<p>1. Forneça pistas, faça insinuações.</p> <p>Exemplo: “It is cold in here.”</p> <p>Tradução: Está frio aqui.</p>
<p>2. Forneça pistas de associação.</p> <p>Exemplo: “Oh god, I’ve got the headache again.”</p> <p>Tradução: Oh Deus, estou com dor de cabeça novamente.</p>
<p>3. Pressuponha.</p> <p>Exemplo: “I washed the car again today.”</p> <p>Tradução: Eu lavei o carro novamente hoje.</p>
<p>4. Minimize.</p> <p>Exemplo: “That dress is quite nice.”</p> <p>Tradução: Esse vestido está relativamente bom.</p>
<p>5. Exagere.</p> <p>Exemplo: “I tried to call a hundred times, but...”</p> <p>Tradução: Eu tentei ligar uma centena de vezes, mas...</p>
<p>6. Use tautologias.</p> <p>Exemplo: “War is war.”</p>

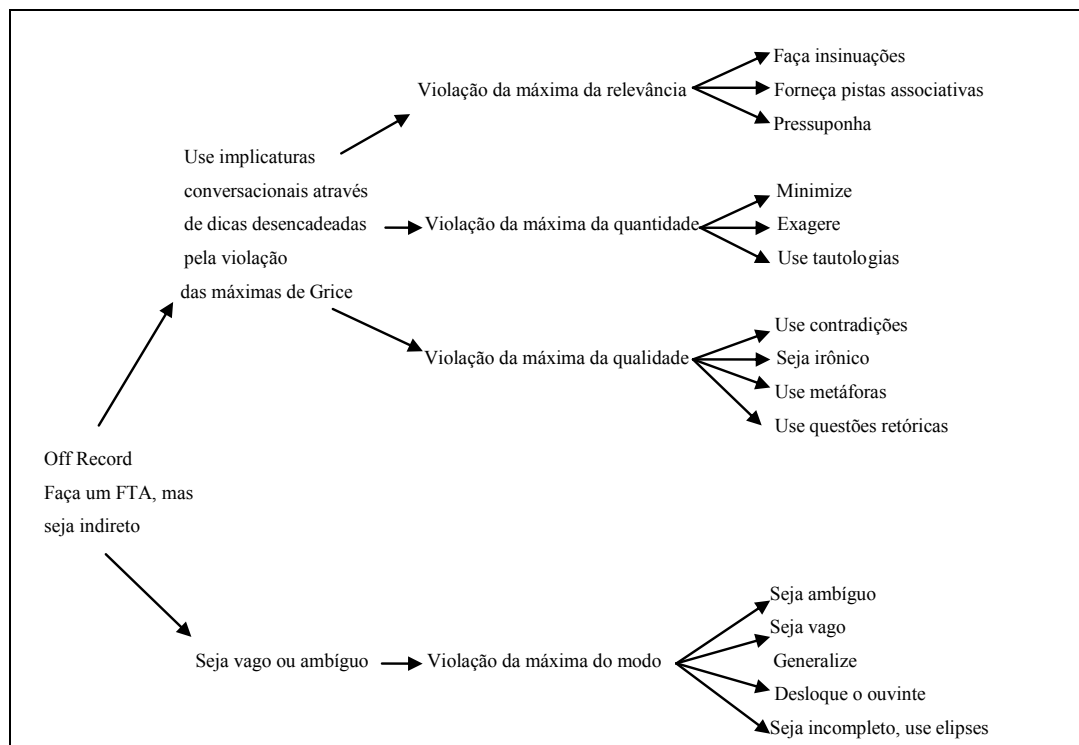
Tradução: Guerra é guerra.
<p>7. Use contradições.</p> <p>Exemplo: “Well, John is here and he isn’t here.”</p> <p>Tradução: Bem, John está aqui e não está.</p>
<p>8. Seja irônico.</p> <p>Exemplo: “John is a real genius.”</p> <p>Tradução: John é realmente um gênio.</p>
<p>9. Use metáforas.</p> <p>Exemplo: “Harry is a real fish.”</p> <p>Tradução: Harry é realmente um peixe.</p>
<p>10. Faça perguntas retóricas.</p> <p>Exemplo: “What can I say?”</p> <p>Tradução: O que eu posso dizer?</p>
<p>11. Seja ambíguo.</p> <p>Exemplo: “John’s a real genius.” (after Jonh has Just done twenty stupid things in a row).</p> <p>Tradução: John é um gênio. (frase dita após Jonh ter feito vinte coisas estupidas).</p>
<p>12. Seja vago.</p> <p>Exemplo: “I’m going you know where.”</p> <p>Tradução: Eu estou indo, você sabe onde.</p>
<p>13. Generalize.</p> <p>Exemplo: “People who live in glass houses shouldn’t throw stones.”</p> <p>Tradução: Quem tem teto de vidro, não atira pedra no telhado dos outros.</p>
<p>14. Desloque o ouvinte.</p> <p>Brown e Levinson (1987) não apresentam um exemplo para essa estratégia de polidez.</p>
<p>15. Seja incompleto, use elipses.</p> <p>Exemplo: “Well, I didn’t see you...”</p> <p>Tradução: Bem, eu não vi você...</p>

Fonte: Brown; Levinson (1987)

Ao usar a indiretividade, o falante, além de transferir a responsabilidade de interpretação para o ouvinte, também fere as máximas

conversacionais propostas por Grice (1982). O ouvinte deve, então, por meio de inferências, notar e interpretar as implicaturas conversacionais. Na figura a seguir, Brown e Levinson (1987) apresentam um esquema que mostra a relação entre estratégias de polidez indireta (*Off Record*) e desrespeito às máximas conversacionais (qualidade, quantidade, modo e relação).

Figura 2: Gráfico de estratégias Off record



Fonte: Brown; Levinson, 1987, p. 214

4. Teoria da Polidez Linguística: modelos contemporâneos

Posteriormente aos estudos de Brown e Levinson (1987), e inspirados por esses teóricos, outros estudiosos lançaram suas concepções acerca da teoria da polidez linguística. Alguns concordando com os autores, mas fazendo algumas contribuições, e outros discordando totalmente da teoria criada por Brown e Levinson. Desse modo, torna-se relevante comentar sobre alguns desses estudos que trazem uma visão diferente ou apenas mais recente dos estudos da polidez, e que podem trazer contribuições para entendermos a polidez nas entrevistas.

4.1 O modelo apresentado por Rosa (1992) e Galembeck (1999;2008)

Margareth Rosa (1992), em sua obra “Marcadores de atenuação”, publicada pela editora CORTEZ, apresenta um estudo sobre os procedimentos de atenuação, que, para a autora, são recursos destinados à preservação de face nas interações verbais.

É importante salientar que a atenuação pode denotar polidez, no entanto, esta não implica, necessariamente aquela. De acordo com Rosa (1992), é difícil diferenciar os conceitos de atenuação e polidez, “pois o efeito de sentido resultante do enunciado parece apontar para a vinculação funcional do que é polido e do que é atenuado.” (p.28) No dizer da autora:

apesar da dificuldade apontada, a polidez é, sem dúvida, um fenômeno mais vasto que a atenuação, podendo prescindir dos chamados procedimentos ou elementos atenuadores. Embora nem toda estratégia de polidez indique a tentativa de evitar ou diminuir a responsabilidade pelo que é dito, em alguns casos, o simples cuidado que todo locutor apresenta com a própria face sugere tal motivação [...] Evitar responsabilidades pelo que se diz é, assim, parte das preocupações com a face, e pode ser sugerido pelo uso de uma estratégia de polidez com ou sem elementos atenuadores (Rosa 1992, p. 28-29).

A polidez é um fenômeno social, e sua finalidade é manter a harmonia na interação, de modo a estabelecer a cordialidade nas relações entre os participantes. Desse modo, a polidez, para Rosa (1992), é uma noção que

extrapola os limites da atenuação. Exemplo disso são as estratégias descritas por Brown e Levinson (1987), que não se restringem apenas ao campo do abrandamento, da atenuação.

Focalizando também os marcadores de atenuação, Galembeck (1999; 2008) desenvolve um estudo sobre polidez e face. Segundo ele, o uso de marcadores de atenuação é um dos recursos utilizados pelo falante para preservar a própria face e a do interlocutor. Segundo o autor (2008, p. 323) os marcadores de atenuação “suavizam a força ilocutória do enunciado e tornam as palavras do falante menos impositivas e invasivas”.

Em suas análises, Rosa (1992) e Galembeck (1999; 2008) percebem a ocorrência de alguns marcadores de atenuação. A seguir, apresenta-se um quadro, extraído da obra de Rosa (1992), que resume/exemplifica os tipos de marcadores usados nas interações cotidianas para minimizar os efeitos indesejados que um ato de fala pode ter sobre o ouvinte ou sobre o próprio falante:

Quadro 4: Tipos de Marcadores de Atenuação

Categories	Tipos	Subtipos	Ocorrências
Marcadores que promovem o apagamento da instância da enunciação Marcas da Enunciação	Marcadores de Distanciamento	Impessoais De Indeterminação do Sujeito Expressões Verbais	Parece que, parece, é possível que Dizem que, diz-se, diz que Eu acho que, eu creio que, eu suponho que, eu acredito que, me parece que, eu sinto que, eu entendo que, eu tenho a impressão (de) que
	Marcadores de Opinião	Locuções Adverbiais	Para me gosto, pessoalmente, para mim, eu por mim, na minha opinião, naquilo

			que me diz respeito
	Marcadores de Opinião	Prefácios	A minha impressão é (de) que, a impressão que eu tenho é a seguinte, é uma opinião particular minha, o que eu sinto é o seguinte, eu tenho a impressão seguinte, a minha visão...é..., a minha visão...é uma visão assim que ...
		Posfácios	Mas esta é a minha impressão, essa é a minha visão, pelo menos é a minha impressão né?
		Hedges indicadores de atividades cognitivas	Assim, quer dizer, vamos dizer, digamos, digamos assim, sei lá, não sei
	Hedges	Hedges indicadores de incerteza	Talvez, quem sabe, não sei, não sei se, sei lá, possivelmente, provavelmente, praticamente, praticamente, às vezes, quando possível, vez por outra, normalmente, geralmente, na maior parte das, no geral, em geral, muitas

	<p>Marcadores de Rejeição</p>	<p>vezes, eventualmente, habitualmente, numa certa medida, de certa forma, de uma certa forma, de um modo geral, numa certa situação, assim em termos gerais, de certa maneira, de uma certa maneira, de certo modo, falando bem em termos gerais, muito por cima, a bem dizendo como a coisa funciona</p> <p>Se não me falha a memória, que eu me lembre, que eu me lembro de momento, que eu saiba, se não estou enganado</p> <p>Frases estereotipadas</p> <p>“Mas-prefácios”</p> <p>Prefácios Contrastivos</p>	<p>Não sei se..., mas, etc.</p> <p>Eu não me lembro bem... o que eu lembro é que, não :: sei bem...eu sei que</p> <p>Antes disso eu quero dizer uma coisa, etc.</p>
	<p>Marcadores</p>		

	Metadiscursivos	---	
--	-----------------	-----	--

Fonte: ROSA, 1992, p. 61

A partir do exposto, percebe-se o quão enriquecedoras foram as contribuições de Rosa (1992) e Galembeck (1999;2008) já que em seus estudos aprofundaram um dos aspectos da polidez linguística: a atenuação/abrandamento. Além disso, esses autores ofereceram ferramentas, com as quais foi possível aprender como trabalhar e perceber a polidez nas conversações.

4.2 Os estudos de Watts (2003), Locher (2004), Locher & Watts (2005), Spencer-Oatey (2005) e Escandell Vidal (1998)

Partindo das observações dos estudos tradicionais, como já mencionado, os estudiosos mais recentes do fenômeno da polidez passaram a propor novas abordagens quanto ao tema e a complementar os estudos já existentes. Watts (2003), por exemplo, propõe que o estudo teórico da polidez leve em consideração o senso-comum do que vem a ser um comportamento polido ou não. Para diferenciar a polidez do senso-comum da polidez teórica ele usa, respectivamente, os termos “polidez de primeira ordem” ou *politeness1* e “polidez de segunda ordem” ou *politeness2*. A grande questão é a complementaridade dessas duas noções, visto que não se configuram como tipos de polidez opostas, mas que se complementam. Percebe-se nessas novas abordagens da polidez uma tentativa de melhor considerar o aspecto interacional das relações, passando a ser feito um estudo não só linguístico, mas também comportamental dos dados.

De acordo com Locher & Watts (2005) e Spencer-Oatey (2005), entre outros, os estudos iniciais, fortemente baseados na noção de face não eram, propriamente, teorias da polidez, mas sim “trabalhos de face” (do inglês *facework*). Segundo os autores, esse conceito, que foi elaborado por Goffman (1967) levando em consideração as características de uma

sociedade ocidental, a aplicação dessa teoria sem nenhuma reformulação para o Oriente é, no mínimo, forçada.

Nos estudos tradicionais de polidez, como o desenvolvido por Brown e Levinson (1987), existe uma classificação do que é educado, polido em oposição ao que é rude, grosseiro, impolido. Nos estudos mais recentes, os pesquisadores defendem que não existe comportamento certo e errado, o que existe é um comportamento adequado à situação interacional. Ou seja, o tipo de atividade é que vai determinar o comportamento a ser seguido. Locher (2004) chama atenção, ainda, para a questão cultural. Em algumas culturas o que é considerado impolido para nós, é o comportamento esperado em determinadas atividades. Autores como Escandell-Vidal (1998) propõem usar o termo *adequação social* no lugar de *estratégias* para dar mais visibilidade à questão da adequação à situação comunicativa. Ademais, há estudos que relacionam etnocentrismo e polidez nas estratégias de chamamento (como o de Bargiela *et al.*, 2002), vistos como tentativas de incorporação de variáveis culturais.

4.3 Terkourafi (2005)

Marina Terkourafi publicou, em 2005, um artigo ao *Journal of Politeness Research* no qual apresenta uma nova proposta de como estudar o fenômeno da polidez. A autora, além de expor seus estudos baseados em enquadres, mostra uma classificação dos estudos já existentes sobre o assunto. Segundo ela, os estudos de polidez se dividem em três grupos.

1. Visão tradicional: nesse grupo estão incluídos os estudos de Lakoff (1975), Brown e Levinson (1987) e Leech (1983), que desenvolvem seus trabalhos a partir de uma pessoa modelo, dotada de racionalidade e de face. Sob esse ponto de vista as diferentes culturas são homogêneas e é nesse ponto que esta uma das maiores críticas de Terkourafi (2005) à visão tradicional. A polidez é tratada como um conjunto de estratégias linguísticas que são usadas de acordo com regras e princípios universalizantes.

2. Visão Pós-moderna: nessa linha de estudo destacam-se Eelen (2001), Watts (2003) e Mills (2003), que trazem alguns avanços à visão tradicional da teoria da polidez. Em seus estudos os autores concebem a

cultura como algo heterogêneo. A polidez é vista de forma dinâmica e situada. Diferente da visão anterior, as teorias pós-modernas são orientadas para o ouvinte ao invés de centradas nas intenções do falante e levam em consideração a possibilidade de conflito, interessa, então, não só a polidez mas também a impolidez.

3. Visão baseada em enquadres: de acordo com Terkourafi (2005) é o modelo mais adequado para abordar o fenômeno da polidez. Essa visão baseada em enquadres parte dos dados em análise para posterior formulação da teoria. Ou seja, as regularidades que compõem essa visão são obtidas pela observação empírica de contextos reais de uso. A polidez, para Terkourafi (2005), não é vista como cálculo racional, e sim como hábito e enquadre, como expressões que se repetem em determinados contextos e enquadres.

O presente trabalho, no entanto, pretende ser classificado como pertencente à visão tradicional dos estudos de polidez, já que utiliza como base de análise das entrevistas os estudos de Brown e Levinson (1987). Porém, também consideram-se alguns pontos de avanço da visão pós-moderna, como, por exemplo, o reconhecimento da impolidez e do conflito como parte e até mesmo exigência de alguns contextos interacionais. Apesar de ser usada como norte as categorias de Brown e Levinson (1987), o contexto de interação da entrevista também é considerado, tendo em vista que nesse ambiente pode mostrar como a polidez irá se manifestar, ainda que possa fugir das estratégias que foram utilizadas como base a princípio. Vale considerar que Brown e Levinson (1987) desenvolveram sua teoria a partir de análises de interações de diferentes culturas em outras línguas e não a partir do português, e isso fará com que tenhamos estratégias próprias de nossa língua e próprias do contexto interacional.

5. O gênero textual Entrevista

Os gêneros textuais estão presentes assiduamente na vida em sociedade, já que toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero. Ainda assim, existe certa confusão para conceituá-los. O termo gênero textual refere-se aos textos materializados encontrados em nosso cotidiano, apresentam características sociocomunicativas definidas por seu estilo, função, conteúdo, canal e composição. Segundo Marcuschi (2008, p. 155) “os gêneros são formas textuais escritas ou orais, bastante estáveis, histórica e socialmente situadas”.

Marcuschi (2008) aborda, também, a questão do domínio discursivo, que constitui práticas discursivas dentro das quais é possível a identificação de um conjunto de gêneros que às vezes lhes são próprios como práticas comunicativas institucionalizadas. Para exemplificar, Marcuschi (2008) cita discurso jurídico, discurso jornalístico e discurso religioso. Cada uma dessas atividades, não abrange gêneros em particular, mas origina vários deles.

O gênero textual não pode ser tratado independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas. Ele deve ser concebido como forma cultural e cognitiva de ação social. Os gêneros têm que ser vistos como entidades dinâmicas. Uma construção textual classificada em determinado gênero pode apresentar uma grande variedade de domínios discursivos.

Partindo desse conceito, pode-se considerar a entrevista como um gênero que pode ser realizado por diversos domínios discursivos. Assim, temos a entrevista jornalística, a entrevista científica, que têm em comum uma forma característica, que se apresenta numa estrutura marcada por perguntas e respostas.

Dessa forma, pode-se afirmar que o modelo da entrevista é composto por, pelo menos, dois indivíduos, cada um com um papel específico: o entrevistador, que é responsável pelas perguntas e o entrevistado, que é responsável pelas respostas. Sendo assim, a entrevista representa, sem dúvida, uma atividade conversacional, constituindo, assim, numa interação.

A entrevista jornalística, no que diz respeito à comunicação, situa-se como atividade conversacional. Dittman (*apud* Marcuschi, 2000, p. 15) define

entrevista como “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”.

Além disso, a entrevista apresenta especificidades quanto ao texto conversacional. Para Marcuchi (2000) as entrevistas são conversações assimétricas, que, ao contrário das simétricas, os participantes não tem o mesmo direito de tomar ou não a palavra, à escolha do tema e a decidir sobre o seu tempo de falar ou permanecer em silêncio. Ou seja, nas entrevistas jornalísticas cabe ao entrevistador definir o assunto do qual vai se tratar, o encaminhamento dado ao diálogo, os rumos da entrevista. É dele a iniciativa da entrevista e, em geral, é ele quem define o fim dela. Faz interrupções a fim de colocar novas questões e é o principal responsável por definir o caráter da conversação: polêmico ou conciliador, contratual.

Como em toda interação há o desejo de construir perante os outros uma imagem favorável de si próprio, as entrevistas constituem-se em um espaço de confronto, já que é impossível controlar a imagem que um participante faz do outro. Essa impossibilidade acarreta uma desconfiança, que faz com que os participantes se sintam ameaçados uns pelos outros. É esse sentimento de ameaça que caracteriza os conflitos que podem ocorrer entre entrevistador e entrevistado. Em alguns casos, o objetivo do entrevistador é exatamente o de “desmascarar” o entrevistado, como é o caso das entrevistas que constituem o *corpus* dessa pesquisa. Desse modo, as ameaças às faces são intencionais e constantes.

De acordo com Fávero e Andrade (2006, p. 157) “entrevistador e entrevistado tem a tarefa de informar e convencer o público. Desempenham, portanto, um duplo papel na interação: são cúmplices, no que diz respeito à comunicação, e oponentes, quanto à conquista desse mesmo público.” Dessa forma, as entrevistas tendem ora para o contrato ora para a polêmica.

em quaisquer tipos de entrevista, contratual ou polêmica, entrevistador e entrevistado buscam somente interagir com o destinatário desse jogo interacional que é a audiência, por isso os laços que os envolve são considerados frouxos, sejam eles cúmplices ou oponentes. (ANDRADE e FÁVERO, 1999, p. 157)

A entrevista jornalística configura-se em um espaço ambíguo, onde existe a cumplicidade e a polêmica. Espaço em que as faces dos participantes são expostas e ameaçadas, já que o entrevistador-jornalista tem sua face sempre exposta e se não confrontar o entrevistado, terá sua imagem ameaçada como jornalista. Em contrapartida, se realizar a ameaça também se expõe à reação por parte do entrevistado.

Um outro aspecto que pode ser observado nas entrevistas é o tópico discursivo. Segundo Lins (2008)

teoricamente, tópico pode ser representado como uma estrutura organizada que opera tanto no interior quanto fora das fronteiras das sentenças. E não é definido e identificado como uma unidade a priori, mas como resultado de marcação de fronteiras. (LINS, 2004, p. 19)

Em uma entrevista o assunto, geralmente, é lançado pelo entrevistador, que não tem nenhuma garantia da manutenção tópica, visto que, o entrevistado, caso se sinta ameaçado, tem total liberdade de “fugir do assunto” para não prejudicar a sua imagem pública, livrando-o de constrangimentos sociais. Vale ressaltar que a mudança de tópico é marcada por mecanismos linguísticos ou aleatoriamente, sem o uso de enunciado sinalizador, de modo incoerente, sem o estabelecimento de fronteira tópica.

Numa conversação espontânea, a coerência se mostra na medida em que a relação semântica entre enunciados fica evidenciada, conferindo continuidade tópica. Entretanto, podem ocorrer rupturas no desenrolar da conversação, o que não significa que haja incoerência, porque, numa visão global, essas rupturas podem ser vistas como descontinuidades.

Sendo assim, percebe-se quão rico esse gênero textual se mostra aos estudos pragmático-linguísticos, visto que existem vários aspectos que podem ser analisados, por exemplo, a manipulação do tópico discursivo como estratégia de preservação de face, que constitui o foco deste trabalho.

6. Metodologia

Esta pesquisa, inserida no quadro teórico da Linguística Textual e da Pragmática, pretende observar a noção de Tópico Discursivo associada à Teoria da Polidez linguística, com o intuito de oferecer contribuições valiosas para o estudo do processo interacional.

No que diz respeito aos meios, o presente estudo desenvolvido é um estudo de caso, pois restringe a ocorrência da polidez a apenas enquadres de entrevistas com políticos. Quanto aos fins, a pesquisa é tanto exploratória quanto explicativa. Exploratória porque o estudo apresenta uma natureza de levantamento de dados e explicativa pelo fato de o estudo desenvolvido ter como principal objetivo tornar compreensível o processo de construção, preservação e ameaça de faces por meio da manipulação do tópico discursivo no contexto das entrevistas, tentando justificar algumas escolhas linguísticas dos interactantes no momento da interação.

Baseando-se no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, serão analisados como os interactantes se apresentam diante dos outros na interação verbal, no contexto de uma entrevista de caráter polêmico/confronto, bem como quais recursos linguísticos eles utilizam para preservar suas faces, privilegiando a manipulação do tópico discursivo.

Na língua, são inúmeras as estratégias de polidez (verbos modais, perguntas indiretas, marcadores de atenuação, verbos nos tempos futuro do pretérito, orações condicionais, etc.) e também de manipulação do tópico discursivo: digressão, mudança do tópico, manutenção do tópico e fuga ao tópico.

A partir dessas informações, é possível delimitar o *corpus*, que se constituirá de entrevistas publicadas no Jornal A Gazeta e realizadas a políticos do cenário estadual/nacional nos anos de 2004, 2006 e 2008.

Para a realização satisfatória dessa pesquisa, buscou-se seguir as seguintes etapas metodológicas:

- 1) Coleta de entrevistas a políticos pelo Jornal A Gazeta nos anos de 2004, 2006 e 2008;
- 2) Estudo das cinco entrevistas coletadas nos três anos.

- 3) Desenvolvimento de um amplo estudo bibliográfico sobre teorias pragmáticas e linguístico-textuais que tratem do comportamento verbal em interações sociais;
- 4) Análise da construção da imagem social dos envolvidos na interação face a face;
- 5) Observação, através da análise do *corpus*, como políticos se comportam em contexto interacional específico, nesse caso, entrevista.
- 6) Análise das estratégias utilizadas pelos políticos para preservação de suas faces, privilegiando a manipulação do tópico discursivo.
- 7) Apresentação dos resultados da pesquisa.

6.1 Definição do *corpus*

Nesta seção do trabalho, realizamos a apresentação das 5 entrevistas, retiradas do Jornal *A Gazeta*, utilizadas como *corpus* de análise nesta pesquisa. Elas serão organizadas em ordem cronológica crescente e numeradas de 1 a 5, como serão citadas no decorrer da análise. Além disso, comenta-se, sucintamente, o contexto das entrevistas e os assuntos abordados em cada uma.

É importante ressaltar que, em ano eleitoral, o Jornal *A Gazeta* realiza entrevistas públicas com os candidatos a cargos políticos. Todas as entrevistas que fazem parte do *corpus* dessa pesquisa foram retiradas da série “Sabatina com o candidato”, publicadas no referido Jornal nos anos de 2004, 2006 e 2008. Vale dizer que o foco das entrevistas é justamente abordar questões relativas à política e às promessas de campanha e não à vida pessoal dos candidatos.

1. Entrevista nº 1: Entrevistado: João Coser (PT) – 26 de outubro de 2004.

Essa entrevista jornalística ao candidato a prefeito de Vitória (ES), João Coser (PT), aborda, além de questões relativas à campanha, a incompatibilidade entre seus bens e sua renda.

2. Entrevista nº 2: Entrevistado: César Colnago (PSDB) – 27 de outubro de 2004.

Nessa entrevista, César Colnago, candidato à prefeitura de Vitória pelo PSDB, reage à crítica de que não tem planos de grandes obras e também é questionado sobre suas propostas de campanha.

3. Entrevista nº 3: Entrevistado: Sérgio Vidigal (PDT) – 13 de setembro de 2006.

Na entrevista com Sérgio Vidigal, candidato a governador do estado pelo PDT, o foco são as dificuldades de campanha que o candidato diz enfrentar, bem como suas promessas de campanha.

4. Entrevista nº 4: Entrevistado: João Coser (PT) – 23 de setembro de 2008.

A entrevista a João Coser, candidato à reeleição na prefeitura de Vitória pelo PT, tem como foco a renovação de sua promessa de construção do metrô de superfície. Além disso, são abordadas questões relacionadas a possíveis falhas na administração pública.

5. Entrevista nº 5: Entrevistado: Luciano Rezende (PPS) – 24 de setembro de 2008.

Luciano Rezende, candidato à prefeitura de Vitória pelo PPS, em entrevista fala sobre suas promessas de campanha e também ataca o prefeito-candidato João Coser (PT).

7. A Manipulação do Tópico Discursivo como estratégia de preservação de face em entrevistas impressas

Neste capítulo são apresentadas análises de 5 entrevistas selecionadas do Jornal *A Gazeta*, que circula em todo o Estado do Espírito Santo, com o objetivo principal de verificar no *corpus* a validade e aplicabilidade do referencial teórico visto nos capítulos iniciais (a noção de tópico discursivo, a teoria da polidez de Brown e Levinson em especial, a teoria da face de Goffman).

Com as análises, foi possível observar diferentes formas de manipulação do tópico discursivo como estratégia de preservação de face; dentre elas a digressão, a mudança de tópico, a fuga ao tópico e a manutenção do tópico. No uso da mudança de tópico e na digressão, aparentemente o entrevistado assume o tópico em questão, porém introduz uma abordagem diferente do que é esperado pelo entrevistador. Na mudança, essa abordagem diferente é relevante para o desenvolvimento do tópico anterior; já na digressão, essa abordagem não é relevante ao tópico anterior. A fuga ao tópico ocorre quando o entrevistado foge totalmente ao tópico em desenvolvimento. Por fim, na manutenção do tópico, o entrevistado, ao perceber que o tópico em desenvolvimento pode favorecer a construção / preservação de sua face, opta por manter o tópico lançado pelo entrevistador. Sendo assim, optou-se por categorizar os fragmentos de entrevistas de acordo com o tipo de manipulação tópica que ocorre e apresentá-los divididos em subcapítulos.

7.1 A Digressão como estratégia de preservação de face

A digressão pode ser caracterizada como um segmento textual que não está diretamente relacionado ao tópico em desenvolvimento, entretanto não cria uma ruptura da coerência, na medida em que é fruto de relações de relevância tópica. Segundo Andrade (1993)

a digressão implica a substituição de um domínio de relevâncias (tópico discursivo, ou seja, o assunto da atividade textual) por outro domínio diferente, que suspende momentaneamente aquele

domínio anterior, colocando-o à margem do campo de percepção, enquanto o novo tópico discursivo assume posição focal. (ANDRADE, 1993, p. 425)

Nas entrevistas em análise, a digressão, em alguns casos, constitui-se como uma estratégia utilizada pelos interactantes para livrar as suas faces de constrangimentos sociais. O deslocamento e conseqüente focalização de um novo ponto no domínio de relevâncias se instaura a partir da percepção de ameaça de um dos participantes e se efetiva por meio de marcas linguísticas que apontam para algo que será inserido no contexto situacional. Vejamos algumas ocorrências:

Fragmento da entrevista nº 5

“Filipe Quintino (A Gazeta) – O senhor tem dito na campanha que a proposta do metrô não é do atual prefeito. Quem é o autor então dessa proposta e por que essa pessoa não a colocou em prática?

Luciano Rezende: O problema do metrô é o uso eleitoreiro. O prefeito se elegeu falando do metrô e está agora fazendo campanha ao governo do Estado falando do metrô. Ele não vai fazer o metrô em dois anos. O metrô não tem um centavo previsto na União. Não tem um centavo previsto no governo do Estado e uma verba mínima para justificar na Prefeitura de Vitória. Não tem um centímetro andando em cidade nenhuma do país por Regiões Metropolitanas muito mais aglomeradas. Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife, Rio de Janeiro. O único metrô que está sendo construído no Brasil hoje é o de São Paulo, basicamente com verba do governo estadual. Se o metrô fosse um projeto viável, o governador Paulo Hartung já tinha colocado o metrô como meta para resolver o problema de trânsito. E não põe. Isso nos diz o seguinte: não é uma proposta que possa ser usada, de quatro em quatro anos, como Copa do Mundo, para ganhar eleição. O metrô é uma discussão estruturante, feita pelo Plano Diretor Urbano da Grande Vitória, em 1998. Não é obra de ninguém.

Neste fragmento da entrevista, o entrevistador ameaça a face positiva do entrevistado ao elaborar uma pergunta que insinua ser mentira a

afirmação de que a proposta de construção do metrô não é do candidato adversário. Logo, a face do entrevistado encontra-se em situação de risco, visto que Felipe Quintino, na condição de entrevistador, pergunta ainda quem é então o autor da proposta e questiona o porquê de ela não ter sido colocada em prática.

Diante da ameaça, o entrevistado, candidato Luciano Rezende, não responde diretamente à pergunta feita, ou seja, promove uma digressão ao desviar o tópico para explicações sobre a obra de construção do metrô.

Em uma estratégia altamente defensiva, Luciano Rezende manipula o tópico discursivo, através da digressão, apresenta alguns argumentos para defender a inviabilidade de construção do metrô, com o intuito de destruir a promessa principal de campanha do adversário e, conseqüentemente, sua face positiva. No fim da entrevista, ele retorna ao tópico da pergunta (quem é o autor da proposta?) e generaliza ao afirmar que “não é obra de ninguém”, e sim uma discussão do Plano Diretor Urbano da Grande Vitória, de 1998.

Fragmento da entrevista nº 4

“Eduardo Caliman (A Gazeta) - Gostaria de falar sobre a segurança pública, que é um papel do Estado, mas envolve também as prefeituras. O senhor caminharia com tranquilidade, à noite, com sua filha, numa das áreas mais bonitas de Vitória, que vai da Praça dos Namorados até o shopping?

João Coser (prefeito candidato à reeleição): Caminho naturalmente, porque eu corro, ando de bicicleta com meus filhos e circulo não só na Praia de Camburi, como na região de Jardim da Penha até a Praça do Papa. Faço isso naturalmente. Faço sozinho e faço com eles. A segurança é, com certeza, um dos grandes desafios de Vitória. De todos os indicadores positivos, como geração de emprego, crescimento econômico e oportunidade a questão da violência é o maior desafio de Vitória, junto com a mobilidade e a população de rua. Agora nós estamos fazendo um conjunto de políticas para dar oportunidades a esses jovens... A nossa ideia é melhorar a segurança da cidade, com políticas sociais. Aumentamos a Guarda Municipal treinamos as pessoas. Hoje, elas estão armadas. Estamos contribuindo com o governo federal e o governo estadual na área de segurança pública. Esse é

um desafio da humanidade, do Brasil. Mas eu circulo bem em Vitória, com tranquilidade.”

Nesta pergunta o entrevistador, utiliza a questão da segurança para perguntar ao prefeito se ele caminhará com sua filha na área em questão, que, na pergunta, fica implícito tratar-se de um trecho inseguro. Desse modo, o entrevistador ameaça a face negativa do prefeito, pois ele elabora uma pergunta de cunho pessoal.

O prefeito tenta atenuar a ameaça, dizendo que caminha naturalmente e, logo em seguida, utiliza estratégias de polidez positiva, evitando discordar do entrevistador ao assumir que a segurança é um dos grandes desafios de Vitória e que precisa ser melhorada. No final da resposta, ele atenua novamente a ameaça, reafirmando que caminha com tranquilidade em Vitória.

O prefeito responde rapidamente e inicia, a seguir, uma abordagem geral sobre o tópico “violência no mundo”. Assim, leva o interlocutor a se distanciar do tópico em foco e “caminhar” com ele pelo percurso de uma digressão, afastando, então, o perigo da quebra de face.

Fragmento da entrevista nº 4

“Andréia Lopes - O senhor acredita mesmo que vai conseguir começar a construir o metrô de superfície, que volta à sua campanha na eleição? O senhor acha que vai conseguir colocar esse projeto em prática em um segundo mandato?

João Coser - O nosso projeto de mobilidade urbana tem muitas ações. E uma delas é o metrô de superfície. Estou defendendo porque acredito ser o melhor sistema de transporte para a região Metropolitana. Nós não estamos só aguardando o metrô. Estamos fazendo a ampliação da Fernando Ferrari, que é fundamental para isso. Ano que vem vamos concluir a Fernando Ferrari. Já fiz a ponte de Camburi. Vamos fazer a Ponte da Passagem. Estamos trabalhando no Portal Sul, que também é uma necessidade para que esse novo equipamento possa ser instalado. Estou trabalhando em parceria, principalmente, com o vice-governador Ricardo Ferraço nos projetos

para a Região Metropolitana e para Vitória. Por exemplo, o governador do Estado contratou um estudo sobre uma faixa exclusiva para o transporte coletivo. Estamos juntos aguardando o resultado desse estudo. Estamos estudando um novo acesso a Vila Velha, que é um dos gargalos de Vitória e Vila Velha, por um túnel. Estamos estudando acesso pela Serafim Derenzi. Como está o estágio do metrô? Era uma ideia, hoje é um projeto básico já com apoio da bancada federal, com R\$ 22 milhões para o desenvolvimento do projeto executivo. Esse projeto está no site do Ministério das Cidades. Ele foi entregue por mim ao Presidente Lula e ao ministro das Cidades. E o Lula vai lançar agora no final do ano o PAC da mobilidade. A minha esperança e a minha convicção é que esse projeto estará ali. Vai chegar antes do gargalo e do caos total no trânsito. Esse projeto custa R\$ 900 milhões, mas ele pode ser financiado em 25 anos, com cinco anos de carência. Hoje o mundo tem recurso para financiar. E mais do que isso: dividido, dá menos de R\$ 50 milhões por ano. Dividido entre governo federal, governo do Estado e as quatro prefeituras. É possível pagar. Só Vitória fez, no ano de 2007, R\$ 207 milhões em investimentos. O governo do Estado fala em fazer R\$ 1 bilhão. Ele teria condições de fazer a vista o metrô. Estamos propondo em 25 anos. O meu trabalho é desenvolver o projeto executivo.

Nessa pergunta, Lopes usou da polidez negativa, sendo pessimista quanto à proposta do prefeito (“o senhor acredita mesmo”, “o senhor acha”). Para ameaçar a face positiva dele, o entrevistador apresenta certa dúvida em sua pergunta quanto à possibilidade de o prefeito cumprir a sua promessa de campanha. Essa dúvida quanto a capacidade de o prefeito cumprir a sua promessa é uma ato de ameaça à face positiva.

Como estratégia de atenuação de face, o prefeito respondeu à questão proposta com indiretividade, colocando outras obras à frente da obra em questão (“o nosso projeto de mobilidade urbana tem muitas ações”), para estender o prazo de construção do metrô, que é o “carro chefe” de sua campanha.

Sendo assim, o entrevistado manipula o tópico discursivo, não responde diretamente à pergunta do entrevistador, exagerando em

explicações, procurando dividir o problema com o governador do Estado e, com isso, promove uma digressão.

7.2 A mudança de tópico como estratégias de preservação de face

A mudança de tópico pode dar-se por diferentes fatores: problemas de contexto – referentes não compreendidos, referentes que provocam associações – por esgotamento do assunto ou por não se querer falar mais sobre o tópico em desenvolvimento e uma pergunta pode provocar a mudança do tópico em andamento. Além disso, mudar o tópico pode constituir-se como uma estratégia, também, de preservação da face que se encontra em situação de ameaça. Vejamos alguns exemplos:

Fragmento da entrevista nº 2

“**Andréia Lopes** – O senhor abordou amplamente na sua propaganda de TV a emenda do Orçamento da União no valor de R\$ 10 milhões repassada pela União ao TRT de São Paulo. Emenda essa assinada pelo então deputado federal João Coser, em 2000, quando ele era subrelator do orçamento. Em 2002, o grupo político do senhor e do governador Paulo Hartung assediaram João Coser para que ele fosse candidato a senador no mesmo grupo político de vocês. Agora em 2004, o senhor retoma esse assunto, que aconteceu há quatro anos, e tenta colocar em xeque o mandato de Coser. O senhor não acha, portanto, que estaria agindo de uma maneira contraditória?

César Colnago: Não. Eu acho que agora nós vivemos um outro momento. Somos homens públicos. Somos candidatos à Prefeitura de Vitória e, quando o programa faz alusão à emenda do TRT de R\$ 10 milhões, no qual ele assina no seu relatório, ele tem que dar explicações de porque ele faz isso. Em contrapartida, Vitória não tem na área da educação, da saúde, da habitação, da cultura qualquer emenda do deputado. Então como é que ele faz uma

emenda destinando recursos para São Paulo, no qual ele não tem vínculo político nenhum, ele foi eleito, com certeza, por uma base capixaba. E ele faz emendas para o Estado de São Paulo. É ele quem tem que dar explicações, não sou eu. É importante falarmos da história de cada um. Qual é a história construída pelo adversário? E a minha história de enfrentamento do dia a dia? Eu fiz várias ações na minha vida, e com certeza essas ações eu agora estou levantando. Então ele não explica por que ele fez essa emenda. O PT na época também não soube explicar como é que ele faz a emenda para o TRT de uma obra já questionada, dois anos antes, pelo Tribunal de Contas da União, que é um órgão auxiliar do parlamento. E nós temos uma vida completamente transparente, limpa e ética. O meu patrimônio é do tamanho do meu exercício profissional, meu e o da minha mulher. Ele precisa explicar essas coisas. A história do candidato, as suas ações são fundamentais. Não fumo, não bebo, não tenho vícios e nem repasso dinheiro para ladrão. Ele que tem que explicar como é que ele tem aquele patrimônio. O meu é compatível. O dele ele tem que provar se é compatível com a vida pública dele.”

Nesta pergunta, Andréia Lopes utiliza estratégia de polidez, ao demonstrar deferência pelo entrevistado fazendo uso do pronome de tratamento (senhor). A entrevistadora ameaça a face positiva do candidato César Colnago ao alegar que ele estaria agindo de forma contraditória, tendo em vista que o candidato da oposição, João Coser, dois anos antes era visto como possível aliado e no momento atual seu mandato era colocado em xeque pelo próprio Colnago. Vale destacar também que a entrevistadora usa a polidez negativa ao não impor sua ideia ao entrevistado, apenas sugerindo a contradição.

Diante de tal ameaça, o candidato à Prefeitura de Vitória pelo PSDB responde de forma direta à pergunta realizada afirmando não ser contraditório. Porém, ao longo de sua explicação, como estratégia de preservação de sua face positiva César Colnago promove uma mudança do

tópico discursivo (“ação contraditória”) ao propor que é necessário olhar a história de cada um.

Ao falar de sua história, o entrevistado promove uma exaltação do eu social, a fim de construir sua face, novamente fugindo do foco da pergunta. Ainda com o intuito de construir a sua face positiva, o candidato César Colnago ataca a face positiva do seu adversário (“Ele, por exemplo, ataca a qualidade da educação”), o também candidato à Prefeitura de Vitória João Coser.

Fragmento da entrevista nº 3

Regina Costa, universitária: O que o senhor fará para melhorar o nosso sistema educacional?

Sérgio Vidigal: A primeira coisa que precisa para investir nesse setor é ter vontade política. Hoje a lei diz o seguinte: tem que gastar no mínimo 25% da sua receita em educação. Mas a lei não proíbe gastar mais com a Educação. É preciso que se invista desde o ensino infantil até o ensino superior. É preciso que o governo também participe desses investimentos. Nós sabemos muito bem que hoje educação infantil e ensino fundamental é obrigatoriedade dos municípios. E o ensino médio obrigatoriedade do governo. Mas há municípios desse Estado que sozinhos não conseguem oferecer um ensino de qualidade na educação infantil.”

Diferente das outras perguntas, que foram realizadas por jornalistas funcionários do Jornal A Gazeta, esta pergunta é realizada pela universitária Regina Costa. A entrevistadora elabora a pergunta de forma direta, sem utilização de atenuantes, apenas faz uso de pronome de tratamento, demonstrando deferência e respeito pelo entrevistado.

Apesar de aparentemente não se caracterizar como uma ameaça à face positiva do entrevistado, a pergunta em análise (“O que o senhor fará para melhorar nosso sistema educacional?”) pode ser classificada dessa forma, pois apresenta-se como uma cobrança, tendo em vista a condição do entrevistado: candidato a governador e possível responsável pela

administração pública, e, conseqüentemente, por propostas de melhorias na educação.

Diante da ameaça, Sérgio Vidigal utiliza como estratégia de preservação de face positiva a mudança de tópico discursivo. Ou seja, sem nenhuma proposta concreta de melhorias na educação para apresentar, o candidato ao governo do Estado fala sobre obrigatoriedade de investimentos na educação, desviando o tópico para um caminho que não comprometa a sua campanha.

Fragmento da entrevista nº 3

“Andréia Lopes: O senhor falou que o PDT não tem mensalistas, enfim, mas a sua coligação tem parlamentares apontados como sanguessugas e que enfrentam complicações diversas na Justiça, processos judiciais, como o ex-deputado Mateus Vasconcelos (PAN) e o ex-prefeito de Viana José Luiz Pimentel Balestrero (PTC). Não é um pouco contraditório esse discurso?

Sérgio Vidigal: As coligações são necessárias no processo eleitoral. Normalmente quando se faz coligação, a gente faz com as direções partidárias. Agora, o que me entristece é justamente a nossa Justiça. Se essas pessoas têm tanto envolvimento com irregularidades, porque o TRE, a Justiça permite que eles continuem sendo candidatos, que eles possam disputar a eleição? Gostaria de transferir essa resposta para o Poder Judiciário para que ele pudesse responder.”

Nesta pergunta, a entrevistadora, Andréia Lopes, ameaça a face positiva do entrevistado ao sugerir, através de uma pergunta, que o discurso do candidato seria contraditório (“Não é um pouco contaditório esse discurso?”), tendo em vista que ele afirmou que o PDT (partido do candidato) não tem mensalistas, mas “a sua coligação tem parlamentares apontados como sanguessugas”. A entrevistadora ameniza a ameaça à face ao utilizar pronome de tratamento (“senhor”) e ao evitar afirmar que Sérgio Vidigal estaria sendo contraditório.

Para preservar sua face diante da ameaça, o entrevistado inicialmente enfatiza a necessidade de coligações partidárias no processo eleitoral e, em

seguida, muda o tópico discursivo (“o que me entristece é a nossa Justiça”) para desviar o foco da pergunta, que é a respeito dos acusados na aliança. Além disso, Sérgio Vidigal lança um questionamento (“Se essas pessoas têm tanto envolvimento com irregularidades, porque o TRE, a Justiça permite que eles continuem sendo candidatos, que eles possam disputar a eleição?”) ao Poder Judiciário. Tal ação se caracteriza como uma estratégia de preservação de face positiva, já que o candidato muda o tópico discursivo com a intenção de livrá-lo de um possível constrangimento político e social.

7.3 A fuga ao tópico como estratégia de preservação de face

A fuga do tópico pode acontecer por diferentes maneiras, ora pela ênfase em subtópicos, direcionando argumentativamente o foco para outro ponto que não o tópico discursivo – o que, muitas vezes, pode contribuir com a preservação da face –; ora pela instituição de um novo tópico, conforme podemos verificar em alguns exemplos selecionados. Além disso, observam-se casos em que há interações vazias da informação que foi solicitada, assim como há respostas sem nenhum vínculo com a pergunta realizada. Abaixo estão apresentados alguns exemplos.

Fragmento da entrevista nº 1

“Eduardo Caliman: De acordo com reportagens publicadas na imprensa nacional, o PT nacional contratou cada show do cantor Leonardo por R\$ 75 mil. Mas a prestação de contas do senhor (publicada ontem em A GAZETA) diz que os gastos com artistas até agora foram de R\$ 62 mil, e o valor do show do Leonardo estaria incluído nessa relação. Por que há essa diferença? Gostaria que o senhor explicasse esses valores.

João Coser: A direção nacional do partido está fazendo uma articulação em nível nacional. Nós recebemos realmente dois shows de cantores nacionais, que a direção nacional encaminha o cantor para cá. E junto com isso, encaminha também o recurso para que a campanha pague os cantores. No caso da cantora

Wanessa Camargo, a locação de recursos foi de R\$ 32 mil. O do Leonardo eu não sei os valores, mas, com certeza, junto com o show veio o recurso da direção do partido. Na nossa conta oficial nós faremos o pagamento com nota fiscal. Nós vamos prestar conta de tudo isso à Justiça Eleitoral. Eu não negocio os valores porque o candidato não cuida disso. Fica por conta da coordenação de campanha. Isso é uma estratégia do partido em nível nacional. Nós temos valorizado muito as atrações daqui, da cidade de Vitória. Nós estamos fazendo shows com as nossas bandas capixabas, mas a direção nacional entendeu que Vitória é uma capital importante e que merecia algumas atrações maiores. Portanto, isso está sendo feito dentro da formalidade, e nós vamos prestar contas de tudo isso à Justiça Eleitoral, no valor que for contratado.”

O entrevistador Eduardo Caliman, ao elaborar sua pergunta ao candidato à Prefeitura de Vitória, João Coser, ameaça a face positiva do entrevistado, tendo em vista que insinua que houve superfaturamento de show do cantor Leonardo durante a campanha eleitoral (“cada show do cantor Leonardo por R\$ 75 mil. Mas a prestação de contas do senhor diz que os gastos com artistas até agora foram de R\$ 62 mil.”). Essa insinuação é caracterizada como ameaça à face positiva, já que o candidato tem sua necessidade de aprovação / aceitação posta em xeque.

João Coser, na condição de entrevistado e com sua face ameaçada, não responde à pergunta realizada (“Por que há essa diferença?”). Ele desvia o tópico para prestação de contas e fala sobre valorização de bandas capixabas. Dessa forma, através da fuga ao tópico em proeminência, preserva sua imagem positiva ao direcionar a sua resposta para um caminho mais seguro do ponto de vista da preservação da sua imagem social.

Fragmento de entrevista nº 2

Leitor: O senhor diz que é contra a violência, mas não é contra a violência verbal?

César Colnago: É preciso deixar claro que eu fui, no primeiro turno,

o candidato que só mostrou propostas. Mostrei meu plano de Governo, mostrei o que a Prefeitura construiu nos últimos doze anos. Fui bombardeado, e de forma que eu não podia nem responder direito - através de e-mails, através de circulação de panfletos apócrifos de todos os lados. Eu tive que responder. Eu estou respondendo às agressões. Ele chegou no debate da Findes a falar diretamente que na Prefeitura tem superfaturamento. Eu quero fazer aqui um desafio a ele. Ele tem que, até o dia 31, falar qual é a obra superfaturada, quanto foi superfaturado, qual é essa ação – porque, aí, ele vai estar dizendo coisa com coisa. Ele não pode ficar com insinuações, com respostas evasivas.”

Nesta pergunta o entrevistador, que é um leitor do jornal, retoma um tópico anterior (“O senhor disse que é contra a violência”) e elabora uma pergunta altamente ameaçadora à face positiva do entrevistado sem a utilização de atenuantes, de forma direta. A face do candidato é ameaçada já que o questionamento realizado insinua um favorecimento, por parte do candidato, à prática da violência verbal.

Diante de tal ameaça, Colnago não responde à pergunta realizada, foge nitidamente ao tópico em evidência numa estratégia de preservação de sua face. O candidato, em sua resposta, desvia o tópico para exaltações de suas propostas de campanha (“É preciso deixar claro que eu fui, no primeiro turno, o candidato que só mostrou propostas.”) e chega, até mesmo, a desafiar o seu adversário (“Eu quero fazer aqui um desafio a ele.”). Ou seja, no lugar de responder diretamente ao que lhe foi perguntado, César Colnago opta por evidenciar suas ações e atacar o seu adversário (João Coser), caracterizando sua intenção pragmática defensiva de preservação / construção de sua face.

Fragmento da entrevista nº 2

“**Leitor:** O senhor tem algum vício? Quais são as características principais que um homem público deve ter?”

César Colnago: Primeiro, o homem público deve estar completamente aberto no sentido de ser transparente nos seus atos. Ele tem que ter, com certeza, um princípio claro de compromisso social com a população, compromisso com o que diz, com o que fala, ele tem que estar preparado, do ponto de vista da sua formação, com competência para que ele possa gerir uma máquina que vai tocar em torno de R\$ 500 milhões por ano.”

O leitor do jornal A Gazeta, neste caso na condição de entrevistador, ameaça a face negativa do entrevistado ao elaborar uma pergunta de cunho pessoal (“O senhor tem algum vício?”). Além disso, não faz uso de nenhuma estratégia de polidez para minimizar a ameaça.

O candidato à Prefeitura de Vitória, César Colnago, para preservar sua face negativa, não responde à pergunta inicial. Enfatiza apenas a segunda pergunta, que não coloca em xeque a sua imagem pública. Nesse sentido, ele ignora o tópico proeminente lançado pelo entrevistador, o que caracteriza uma ocorrência de fuga ao tópico discursivo com vistas à preservação de sua face positiva.

Fragmento da entrevista nº 4

“Eduardo Caliman: Voltando às promessas de campanha, a gente se lembra do compromisso da despoluição da Praia de Camburi. O senhor hoje tem o costume de ir com a família à Praia de Camburi e de tomar banho lá?

João Coser: Caliman, tem projetos que agente faz hoje e amanhã a gente está dentro dele. Uma casa simples, por exemplo, você faz com seis meses, e uma grande, com um ano. Para fazer a despoluição de uma cidade como Vitória, você leva anos. Nós temos 457 anos e temos 46% do esgoto tratado. Neste momento Vitória está com todo seu esgoto canalizado, fruto dessa parceria do governo do Estado e do governo federal. Eu estou fazendo todos os 22 bairros da Grande Santo Antônio e da Grande São Pedro. O governador do Estado está fazendo o Centro, a bacia de Maruípe, a de Jucutuquara e as ilhas. Daqui a dois meses e meio, nós vamos ter inclusive o final de Camburi. Nós de

Vitória e a Serra já passamos recursos para a Cesan. Vitória vai ser a primeira capital brasileira com todo o esgoto canalizado. Isso é uma graça de Deus...”

Eduardo Caliman: É que essa é uma promessa de 2004, para ser concluída no primeiro mandato. A que o senhor atribui o atraso de mais dois anos para isso?

João Coser: Não tem atraso. Eu assumi o compromisso de fazer o tratamento de esgoto e cuidar da despoluição da baía de Vitória, mais do que a Praia de Camburi. Por que estou falando isso? Porque, entre desenvolver o projeto e captar recursos, só essa obra demora três anos. Então, quem fez a leitura de que eu faria isso em três anos, fez uma leitura equivocada e precipitada. Eu fiz o que tinha compromisso e felizmente consegui fazer: buscar os recursos, fazer as parcerias, desenvolver os projetos e fazer as licitações. Hoje todas essas obras estão começando. Daqui a dois anos e meio, vamos ter tudo isso consolidado. E, aí sim, espero terminar o meu segundo mandato com tudo isso concluído. Ainda temos Vila Velha e Cariacica, ainda temos problemas. Mas é um projeto extremamente arrojado. Ele é tão arrojado que eu estou contratando um estudo, também em parceria com o governo do Estado, sobre a viabilidade de aprofundar o canal de Camburi, saindo da região da Ponte de Camburi e da Ponte Ayrton Senna, para canalizarmos e para poderem passar barcos de turismo, inclusive com o sistema aquaviário. Queremos fazer um deque ali na região da Praia do Canto, porque aquela região, que é a mais nobre de Vitória, não é explorada, porque o esgoto não é tratado. Estou fazendo todo o esgoto do contorno. Nós estamos fazendo as ligações residenciais. Daqui a pouco nós vamos poder criar peixes, vamos poder circular no entorno de Vitória com barcos de turismo e de passeio. E, quem sabe, sair do Centro de Vitória, da região de Santo Antônio e São Pedro, para trabalhar em Jardim da Penha, Praia do Canto e Jardim Camburi, no sistema aquaviário. Agora, isso também leva de três a quatro anos. Nada acontece de forma tão rápida. É necessário ter a compreensão, e isso vale para quatro grandes projetos. Vou citar dois, além do esgoto. Isso vale para o parque tecnológico. Eu não instalo o parque

tecnológico em dois anos. Ele é um projeto de dez anos. Mas eu começo, eu reservo a área, vou definindo os primeiros equipamentos, e depois ele vai se constituindo. Esse parque poderá trazer para a cidade 400 empresas. É o sonho da cidade...

[...] após duas perguntas

Andréia Lopes: Só por curiosidade, o senhor toma banho na praia com sua família?

João Coser: Eu tomo banho na praia... nas áreas em que é permitido tomar banho.

Com essa pergunta o entrevistador ameaça claramente a face negativa do prefeito, já que elabora uma pergunta relacionada à sua vida pessoal, questionando se ele toma banho com sua família na praia de Camburi, invadindo sua intimidade (“O senhor hoje tem o costume de ir com a família à Praia de Camburi e de tomar banho lá?”). João Coser, na tentativa de mitigar a ameaça e salvar sua face, foge ao tópico discursivo proeminente, pois não responde àquilo que lhe foi perguntado e muda o rumo da conversa focalizando projetos que, na época, estavam sendo realizados pela Prefeitura. O entrevistador, por sua vez, percebendo essa “saída pela tangente”, ameaça a face positiva do entrevistado quando interrompe sua fala e questiona acerca do atraso do projeto, que deveria ter sido concluído em 2004 (“É que essa é uma promessa de 2004...”). O prefeito, em sua resposta, atenua a ameaça e acaba ameaçando a face positiva do entrevistador ao discordar dele diretamente afirmando que “Não tem atraso”.

Após duas perguntas, outra entrevistadora (Andréia Lopes) retoma a questão levantada por Eduardo Caliman sobre se o prefeito toma banho com sua família na praia de Camburi. Desse modo, enfatiza-se a “fuga” do prefeito na pergunta anterior. Andréia Lopes constrói sua face positiva ao frisar que essa pergunta não tem nenhuma má intenção, é apenas, nas palavras dela, “por curiosidade”. Mesmo assim, ela comete um ato de ameaça à face negativa, pois invade a intimidade do prefeito, que, nesse caso, responde à pergunta e atenua a ameaça afirmando que toma banho sim. Porém, acaba colocando sua própria face positiva em risco, pois, ainda que implicitamente,

assume que existem áreas em que não é permitido tomar banho, ou seja, áreas poluídas.

7.4A manutenção do tópico como estratégia de preservação de face

Através das análises até então realizadas é possível observar que é muito comum os entrevistados, em situação de risco, com o intuito de preservarem as suas faces, utilizarem como estratégia o desvio ao tópico discursivo lançado pelo entrevistador. Porém, em alguns casos o tópico lançado não representa por si só uma ameaça, mas a pergunta lançada pelo entrevistador caracteriza-se como um ato de ameaça tendo em vista a forma como foi organizada.

Diante de atos desse tipo os entrevistadores utilizam como estratégia de preservação de face a manutenção do tópico discursivo no lugar de desviar do assunto, já que se torna conveniente para a construção positiva de sua face a permanência no tópico lançado. A seguir, são apresentados alguns exemplos.

Fragmento da entrevista nº 1

Eduardo Caliman: De acordo com reportagens publicadas na imprensa nacional, o PT nacional contratou cada show do cantor Leonardo por R\$ 75 mil. Mas a prestação de contas do senhor (publicada ontem em A GAZETA) diz que os gastos com artistas até agora foram de R\$ 62 mil, e o valor do show do Leonardo estaria incluído nessa relação. Por que há essa diferença? Gostaria que o senhor explicasse esses valores.

João Coser: A direção nacional do partido está fazendo uma articulação em nível nacional. Nós recebemos realmente dois shows de cantores nacionais, que a direção nacional encaminha o cantor para cá. E junto com isso, encaminha também o recurso para que a campanha pague os cantores. No caso da cantora Wanessa Camargo, a locação de recursos foi de R\$ 32 mil. O do Leonardo eu não sei os valores, mas, com certeza, junto com o show

veio o recurso da direção do partido. Na nossa conta oficial nós faremos o pagamento com nota fiscal. Nós vamos prestar conta de tudo isso à Justiça Eleitoral. Eu não negocio os valores porque o candidato não cuida disso. Fica por conta da coordenação de campanha. Isso é uma estratégia do partido em nível nacional. Nós temos valorizado muito as atrações daqui, da cidade de Vitória. Nós estamos fazendo shows com as nossas bandas capixabas, mas a direção nacional entendeu que Vitória é uma capital importante e que merecia algumas atrações maiores. Portanto, isso está sendo feito dentro da formalidade, e nós vamos prestar contas de tudo isso à Justiça Eleitoral, no valor que for contratado.

O entrevistador, nesta pergunta, ameaça a face positiva do entrevistado, já que afirma que no Programa de Governo, não consta, explicitamente, a proposta de construção do metrô, que é exposta como principal plataforma de campanha. Ao mostrar essa diferença entre o Programa de Governo e o que estava sendo divulgado nas mídias, o entrevistador insinua que o candidato João Coser estaria sendo incoerente, o que ameaça a sua necessidade de aceitação / aprovação por parte de seu eleitorado, ou seja, ameaça a sua face positiva.

Diante disso, o entrevistado ameaça a face negativa do entrevistador, ao discordar diretamente de sua afirmação (“Essa proposta consta explicitamente no nosso programa.”) e em nenhum momento desvia o foco de sua resposta. Sendo assim, utiliza como estratégia de preservação de face a manutenção do tópico discursivo, pois é conveniente para sua campanha reafirmar e defender a sua principal plataforma: a construção do metrô de superfície.

Fragmento da entrevista nº 1

Leitor: Em relação à despoluição de Camburi, como o senhor pretende enfrentar os interesses das grandes empresas? Por que o PT não resolveu o problema quando administrou a cidade?

João Coser: O PT administrou a cidade por quatro anos. Naquele momento não havia condições de fazer tudo. Nós esta-

mos tendo uma outra oportunidade e estamos apresentando um programa. Moramos em uma ilha, e nós temos que ter orgulho de dizer isso, encher a boca, e ter condições de levar os nossos filhos, os nossos convidados, para a Praia de Camburi, que é o espelho da nossa cidade. Então, isso é um compromisso que a cidade cobra, que a cidade exige. A Cesan, através de financiamentos externos, com apoio do Governo do Estado, está começando a fazer parte do tratamento de esgoto, e vai chegar próximo a 80%. Qual é o nosso projeto? Fazer o tratamento de 20% que vão faltar, tanto na cidade quando na região de Santo Antônio e na Grande São Pedro. Nós queremos fazer primeiro o tratamento de esgoto, que é importante para a saúde das pessoas e para a limpeza de nossas praias. Vamos discutir com os prefeitos da Região Metropolitana também essa tarefa, porque ela é importante. E uma outra coisa, a poluição do ar. A poluição do ar, nós vamos, na Secretaria Municipal do Meio Ambiente, trabalhar com as empresas a redução de poluentes. Isso não acontece da noite para o dia. Agora, o compromisso nosso é reduzir o índice de poluição. As empresas têm hoje um conceito mais elevado de responsabilidade social. Vamos sentar com essas empresas que são parceiras da cidade de Vitória para construir isso.

O entrevistador (leitor) elabora a pergunta relacionada à despoluição da Praia de Camburi. A primeira pergunta não se constitui, a princípio, como uma ameaça, mas se for analisada como uma cobrança, por parte do leitor, de medidas para enfrentar as grandes empresas ilustra um ato de ameaça à face positiva. Esse ato de ameaça é comprovado na segunda pergunta que questiona diretamente a administração petista anterior (“Por que o PT não resolveu o problema quando administrou a cidade?”). A pergunta coloca em xeque a face positiva do candidato através de questionamento sobre possível má administração pública realizada pelo partido quando estava no poder.

Como João Coser é candidato pelo PT, a pergunta o ameaça diretamente e para não ter sua face desconstruída / quebrada, o entrevistado faz uso de estratégias que minimizem o ato de ameaça à face. No lugar de

desviar o foco da pergunta, em sua resposta, João Coser responde diretamente às perguntas realizadas e defende o seu partido (“O PT administrou a cidade por quatro anos. Naquele momento não havia condições de fazer tudo.”) através da manutenção do tópico discursivo. Vale lembrar que, nesse contexto, manter o tópico discursivo defendendo o PT é favorável à construção positiva de seu partido e de sua face, visto que, na condição de candidato, sua imagem encontra-se diretamente vinculada ao partido ao qual pertence.

Fragmento da entrevista nº 5

“Eduardo Caliman: Se a administração do prefeito João Coser tem falhas graves, como o senhor aponta, não faltou uma oposição mais aguerrida na Câmara do senhor durante esses quatro anos?

Luciano Rezende: Não. Minha oposição foi feita o tempo todo. Eu pontuei todas as questões que eu achava incorretas. Acontece que você tem uma câmara onde tem um vereador fazendo as discussões e ninguém mais. Nem a bancada do PSDB fez pontuações na cidade.”

Nesta pergunta, o entrevistador coloca em xeque a face positiva do candidato Luciano Rezende ao expor uma possível incompatibilidade entre as suas acusações ao prefeito João Coser e a sua postura como vereador. Quando era vereador, segundo Eduardo Caliman, Rezende não realizou uma oposição aguerrida ao seu adversário, que na época era prefeito de Vitória (“não faltou uma oposição mais aguerrida na Câmara do senhor nesses quatro anos?”). Já na atual circunstância, o entrevistado critica a administração de João Coser apontando muitas falhas (“Se a administração do prefeito João Coser tem falhas graves, como o senhor aponta”).

Luciano Rezende, com o objetivo de minimizar o ato de ameaça à face e preservar a sua imagem pública, responde diretamente à pergunta realizada e ameaça a face negativa do entrevistador ao discordar de sua opinião (“Não. Minha oposição foi feita o tempo todo.”).

Dessa maneira, no lugar de desviar do tópico lançado pelo entrevistador, o candidato Luciano Rezende opta pela manutenção do tópico

discursivo, visto que percebe que o assunto lançado pode favorecer a construção / preservação positiva de sua imagem pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

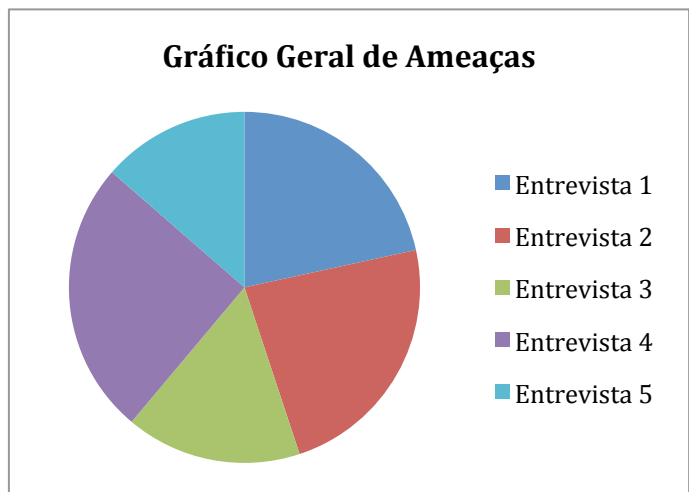
Na introdução do trabalho foram propostas determinadas questões que surgiram em uma primeira leitura dos dados que compõem a pesquisa. Acreditamos que, no decorrer da análise das cinco entrevistas, publicadas no Jornal A Gazeta, já se encontram presentes as respostas aos questionamentos mencionados. Uma questão proposta inicialmente é se a necessidade de construção de face positiva é situação *sine qua non* para convivência social.

Brown e Levinson (1987) tratam a polidez como algo estratégico, racional e elaborado pelos indivíduos quando pretendem estabelecer a harmonia interacional. Esses estudiosos afirmam que, para manter a harmonia interacional, é necessário revelar a face positiva e ocultar a face negativa. Dessa maneira, a necessidade de construção de face positiva é importantíssima para a manutenção da harmonia interacional. Porém, é possível conviver socialmente revelando a face negativa, mas a harmonia da interação pode ficar prejudicada e, com isso, instaurar-se uma situação de conflito, que é característica das entrevistas selecionadas.

Nas entrevistas, como já fora mencionado, o espaço é, por natureza, de confrontação / polemização, e o papel do entrevistador é, muitas vezes, de causar a polêmica, comentando assuntos complicados para o entrevistado, apresentando falhas e possíveis incoerências em suas falas, por uma exigência até mesmo do próprio Jornal A Gazeta para a série “Sabatina com o candidato”.

Com as análises, foi possível observar que, diante de conteúdo altamente ameaçador, os entrevistados comumente fazem uso de estratégias de manipulação do tópico discursivo para preservarem suas faces em situação de risco. As estratégias de manipulação de tópico discursivo que caracterizam a preservação de face são a digressão, a fuga ao tópico, a mudança de tópico e a manutenção do tópico discursivo. A seguir, é possível observar através das tabelas e dos gráficos o percentual geral de ameaças e de estratégias utilizados nas entrevistas.

QUADRO GERAL DE AMEAÇAS		
Entrevistas	Quantidade de AAF	Percentual
1 João Coser - 27 perguntas	9	33,3%
2 César Colnago - 25 perguntas	9	36%
3 Sérgio Vidigal - 36 perguntas	9	25%
4 João Coser - 28 perguntas	11	39%
5 Luciano Rezende - 38 perguntas	8	21%



QUADRO GERAL DE ESTRATÉGIAS		
Estratégias	Quantidade	Percentual
Digressão	8	17,3%
Fuga	14	30,4%
Mudança	12	26%
Manutenção	12	26%



Foi possível verificar que a entrevista número 4 representa um percentual mais elevado de atos de ameaça à face (39%). Isso pode ser justificado pelo fato de o entrevistado, João Coser (PT), ser candidato à reeleição e, portanto, poder ser questionado sobre possíveis falhas da administração anterior. Além disso, de acordo com o quadro geral de estratégias, a manipulação de tópico mais recorrente é a fuga. Diante de assuntos delicados e comprometedores, os candidatos assumem uma atitude de fuga, a fim de preservar o valor positivo de suas faces.

Vale lembrar que cada entrevista tem as suas particularidades no que diz respeito à utilização das estratégias. Na primeira entrevista, realizada ao candidato a prefeito de Vitória (ES), João Coser (PT), são abordadas além de questões relativas à campanha, a incompatibilidade entre seus bens e sua renda. Das 27 perguntas realizadas, 9 caracterizam-se como ameaçadoras à face (percentual de 33%). Diante dessas ameaças, o entrevistado utiliza como estratégia de preservação de sua face, predominantemente, a manutenção do tópico, já que os assuntos lançados nas perguntas, se mantidos, lhe davam a possibilidade de construção de sua face positiva (ver tabela e gráfico a seguir).

Estratégias - Entrevista 1		
Estratégias	Quantidade	Percentual
Digressão	1	11,1%
Fuga	2	22,2%
Mudança	2	22,2%
Manutenção	4	44,4%

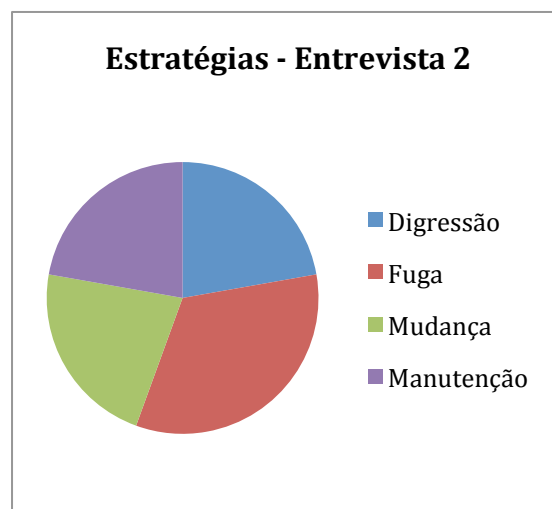


Na segunda entrevista, César Colnago (PSDB) reage à crítica de que não tem planos de grandes obras e também é questionado sobre suas propostas de campanha. Para se esquivar das ameaças (9 ocorrências em 25 perguntas), o candidato mantém certo equilíbrio na utilização das

estratégias de manipulação do tópico discursivo, com exceção da fuga ao tópico, que é utilizada uma vez mais que os demais recursos, como é possível observar nos dados apresentados a seguir.

Estratégias - Entrevista 2

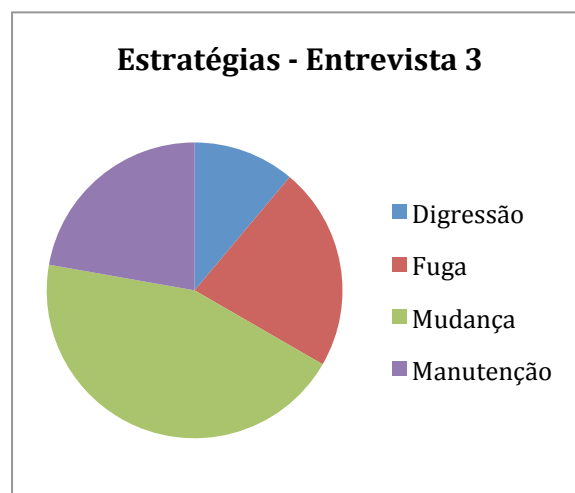
Estratégias	Quantidade	Percentual
Digressão	2	22,2%
Fuga	3	33,3%
Mudança	2	22,2%
Manutenção	2	22,2%



Na entrevista com Sérgio Vidigal, candidato a governador do estado pelo PDT, o foco são as dificuldades de campanha que o candidato diz enfrentar, bem como suas promessas. O entrevistado se mostra bastante equilibrado e polido e, para minimizar os atos de ameaça (9 ocorrências em 36 perguntas), utiliza predominantemente a mudança de tópico discursivo. Ou seja, aparentemente responde à pergunta, mas muda o tópico, a fim de livrar sua face de um possível constrangimento social.

Estratégias - Entrevista 3

Estratégias	Quantidade	Percentual
Digressão	1	11,1%
Fuga	2	22,2%
Mudança	4	44,4%
Manutenção	2	22,2%

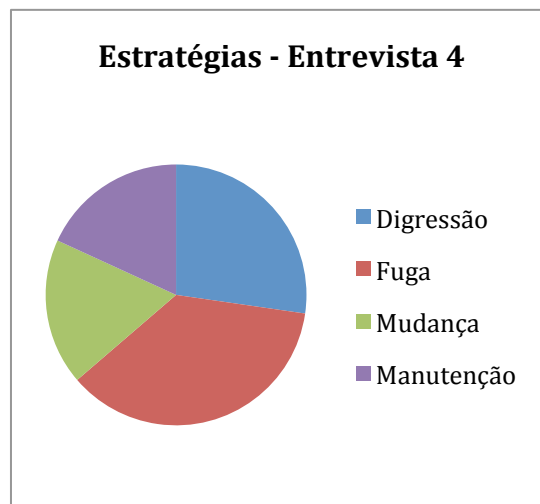


A entrevista seguinte, com João Coser, tem como foco a renovação de sua promessa de construção do metrô de superfície, bem como questões relacionadas a possíveis falhas na administração pública, já que o Coser é

candidato à reeleição. Essa entrevista é a que apresenta a maior porcentagem de ameaças e o entrevistado reage a elas utilizando estratégias de manipulação do tópico discursivo, predominantemente a fuga ao tópico lançado pelo entrevistador.

Estratégias - Entrevista 4

Estratégias	Quantidade	Percentual
Digressão	3	27,2%
Fuga	4	36,3%
Mudança	2	18,1%
Manutenção	2	18,1%



A última entrevista é a que apresenta o menor número de ameaças. Luciano Rezende, candidato pelo PPS, fala sobre suas promessas de campanha e também ataca o prefeito-candidato João Coser (PT) e, assim como ele, opta pela fuga ao tópico, mas também utiliza as outras estratégias de manipulação do tópico discursivo, como é possível observar no gráfico e na tabela a seguir.

Estratégias - Entrevista 5

Estratégias	Quantidade	Percentual
Digressão	1	12,5%
Fuga	3	37,5%
Mudança	2	25%
Manutenção	2	25%



Pela análise das cinco entrevistas, é possível observar algumas regularidades. Primeiramente, a polidez é adotada pelos interactantes, pois a

harmonia interacional é desejada por eles. Os assuntos debatidos nas entrevistas propiciam situações de descompasso e ameaça das faces, já que política no Brasil é um assunto polêmico. Vale frisar, que o respeito a face do outro é mantido desde que a própria face não esteja sob ameaça.

Um outro aspecto importante é acerca dos objetivos dos participantes da interação: entrevistador e entrevistado. Os entrevistados são figuras políticas e, como todo político desempenha um papel público, sua imagem social (face) está em constante ameaça devido à exposição exagerada. Manter a face, para um político é manter-se no poder. No que diz respeito ao entrevistador, a sua função é de causar polêmica, logo preocupa-se mais em atacar a face do outro do que defender a sua, já que fala em nome de um jornal, nesse caso, Jornal A Gazeta.

As entrevistas, por se constituírem, nesse caso, em espaço de confronto, apresentam um equilíbrio muito frágil. Os entrevistadores estão a todo o momento ameaçando a face do entrevistado com o intuito de “desmascará-lo”. Para atenuar tais ameaças, o entrevistado utiliza estratégias de manipulação do tópico discursivo como estratégia de polidez e, algumas vezes, ameaça a face do entrevistador, a fim de preservar a sua face e a sua liberdade.

Finalizando, constata-se que a manipulação do tópico discursivo é uma estratégia de preservação de face numa atitude defensiva. Ao manipular o assunto, o entrevistado distancia os interlocutores do problema que pode causar constrangimento e manchar a sua imagem pública.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira e FÁVERO, Leonor Lopes. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (org). **Estudos de língua falada**. 2ª edição. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. Páginas 153-178.

AUSTIN, John. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1975.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A provocação no diálogo: estudo da descortesia. In: PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.

BASTOS, Liliana Cabral. Da gramática ao discurso: uma análise das funções do adjetivo no Português Falado. Tese de Doutorado. PUC – Rio de Janeiro, 1994.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57-71.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

BROWN, Gillian & YULE, George. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge UnivPress, 1983.

COOLEY, C. **Human Nature and the Social Order**. Scribner's, NY, 1902.

COMTE-SPONVILLE, André. A pequena virtude. In: DHOQUOIS, Regine. (Org.). **A polidez: virtude das aparências**. Porto Alegre: LePM. 1993.

DRESSLER, David & WILLIS, M., Jr. **Sociologia: o estudo da interação humana**. Rio de Janeiro, Interciência, 1980.

ESCANDELL-VIDAL, Victoria. **Politeness: a relevant issue for relevance theory**. Revista Alicantina de Estudios Ingleses 11, 45-57. 1998

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes. Entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino (org). **Fala e escrita em questão**. 2ª edição. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. Páginas 78-97.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. **Papéis discursivos estratégias de polidez nas**

entrevistas de televisão. In: Veredas, revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora. v.4. no 1, 2000. p. 67-77.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio.** R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In:_____. **Introdução à Linguística II: princípios de análise.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto.** São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. Polidez e preservação de face na fala de universitários. In: PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal.** São Paulo: Humanitas, 2008.

_____. **O tópico em textos falados e escritos.** Cadernos do CNLF, volume XVI, n. 3, 2011, pág. 100-108.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. IN: FIGUEIRA, Sérgio Augusto (org.). **Psicanálise e ciências sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980.

_____. A situação negligenciada. In: RIBEIRO; GARCÉZ (Org.). **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. Interaction ritual. **Essays on face-to-face behavior.** New York: Anchor Books, 1967.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Raquel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

JUBRAN, Clélia Cândido Abreu Spinard. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado.** Campinas: Unicamp, [1992] 2002, V. 2, p. 341-428.

JUBRAN, Clélia Cândido Abreu Spinard. **Revisitando a noção de tópico discursivo.** Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 1, agosto de 1978, 48(1), p. 33-41, 2006.

JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado, v. II. Níveis de análise linguística.** Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1993, p. 357-397.

_____. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Gramática do português falado,**

v. III. **As abordagens**. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1994, p. 61-74.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Os atos de linguagem no discurso**. Niterói: EdUFF, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. Organização tópica da conversação. In: _____ . **A interação pela linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Contexto. 1992.

_____. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org). **Gramática do português falado**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP. 1992.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LAKOFF, Robin T. **Language and woman's place**. New York: Harper and Row, 1975.

LEECH, Geoffrey N. **Principles of Pragmatics**. London and New York: Longman, 1983.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LINS, Maria da Penha Pereira. **Mas, afinal, o que é mesmo Pragmática?** In: Fala Palavra, n.2, outubro 2002.

LINS, Maria da Penha Pereira. **Organização tópica do discurso de tiras de quadrinhos**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. 2004.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O Tópico Discursivo em Textos de Quadrinhos**. Vitória: EDUFES, 2008.

LOCHER, Miriam A. **Power and politeness in action: disagreements in oral communication**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

Locher, Miriam A.; Watts, Richard J.: **Politeness theory and relational work**. In: Journal of politeness research 1, 2005, pág. 9-33.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: o que são e como se constituem**. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Recife: PE, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. Orgs. **Gêneros textuais reflexões e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MAYNARD, Douglas. **Placement of topic changes in conversation.** Semiotica. 1980.

MEAD, George Herbert. **Mind, Self, and Society.** Ed. by Morris, CW. University of Chicago Press, IL, 1934.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista. O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2004.

MENTIS, Michelle. **Topic mangement in the discourse of one normal and one head injured adult.** Califórnia: Univ. of California, 1988.

MILLS, Sara. **Politeness and gender.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. Polidez e Interação. Carmem Rosa Caldas-Coulthard; Leonor Scliar Cabral (Org.). **Desvendando Discursos: conceitos básicos.** Florianópolis: Editora da Universidade Federal e Santa Catarina.2008 p. 197-224.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. v.2.

PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal.** São Paulo: Humanitas, 2008.

ROSA, Margaret. **Marcadores de atenuação.** São Paulo: Contexto, 1992.

SEARLE, John. **Speech acts.** Cambridge, Cambridge University Press, 1969.

Spencer-Oatey, H. **(Im)politeness, face and perceptions of rapport : unpackaging their bases and interrelationships'**. Journal of Politeness Research, 1, 95 – 119, 2005.

TAVARES, Roseanne Rocha. **A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem.** Maceió: EDUFAL, 2007.

TERKOURAFI, Marina. **Beyond the micro-level in politeness research.** Journal of Politeness Research, 2005.

YULE, George. **Pragmatics.** Oxford: Oxford University Press, 1996.

WATTS, Richard J. **Politeness.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WILSON, Victoria. Motivações Pragmáticas. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

Anexos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema de estratégias	39
Figura 2: Gráfico de estratégias <i>Off Record</i>	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estratégias de Polidez Positiva.....	41
Quadro 2: Estratégias de Polidez Negativa.....	43
Quadro 3: Estratégias de Polidez Indireta.....	44
Quadro 4: Tipos de Marcadores de Atenuação.....	48